

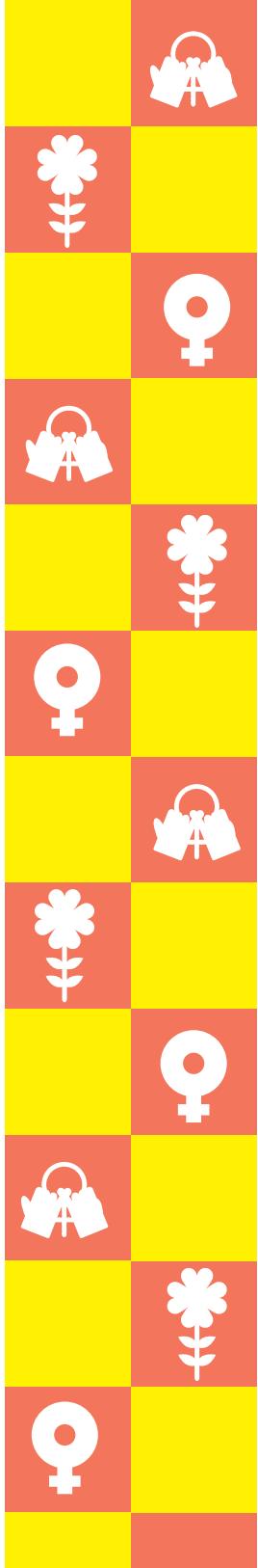
MULHERES EM OLHO D'ÁGUA GRANDE (AL)

DESAFIOS PARA A VALORIZAÇÃO
DA FIGURA FEMININA NA
FORMAÇÃO CULTURAL

SÉRIE 1 | VOLUME 1
EDUCAÇÃO, INCLUSÃO
E INOVAÇÃO DIDÁTICA

**José Winícios Santos da Silva
Ana Julia Simão dos Santos
Laís Pereira da Silva
Maria Clara Tavares de Lira
Mariany Kétily Costa André
Vanuza Souza Silva**

 **Edufal**



Vera Lucia Pontes dos Santos
Maria Ester de Sá Barreto Barros
Jadriane de Almeida Xavier
(Org.)

COLEÇÃO SINPETE

**CIÊNCIA NA ESCOLA PARA O
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

**SÉRIE 1 | VOLUME 1
EDUCAÇÃO, INCLUSÃO
E INOVAÇÃO DIDÁTICA**



**Maceió/AL
2025**



Edufal

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Reitor

Josealdo Tonholo

Vice-reitora

Eliane Aparecida Holanda Cavalcanti

CONSELHO EDITORIAL DA EDUFAL

Presidente

Eraldo de Souza Ferraz

Gerente

Diva Souza Lessa

Coordenação Editorial

Fernanda Lins de Lima

Secretaria Geral

Mauricélia Batista Ramos de Farias

Bibliotecário

Roselito de Oliveira Santos

Membros do Conselho

Alex Souza Oliveira

Cícero Péricles de Oliveira Carvalho

Cristiane Cyrino Estevão

Elias André da Silva

Fellipe Ernesto Barros

José Ivamílson Silva Barbalho

José Márcio da Moraes Oliveira

Juliana Roberta Theodoro de Lima

Júlio César Gaudêncio da Silva

Mário Jorge Jucá

Muller Ribeiro Andrade

Rafael André de Barros

Silvia Beatriz Beger Uchôa

Tobias Maia de Albuquerque Mariz

Catalogação na fonte

Editora da Universidade Federal de Alagoas - EDUFAL

Núcleo Editorial

Bibliotecário responsável: Roselito de Oliveira Santos – CRB-4/1633

M85 Mulheres em Olho d'Água Grande (AL) : desafios para a valorização da figura feminina na formação cultural / José Winícios Santos da Silva ... [et.al]. – Maceió : EDUFAL, 2025.
93 p.: il. (Educação, Inclusão e Inovação Didática; v. 1) – (Coleção Sinpete: Ciência na Escola para o Desenvolvimento Sustentável).

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5624-493-8 E-book.

1. Mulheres. 2. Sociedade. 3. Cultura e gênero. I. Silva, José Winícios Santos da. II. Santos, Ana Julia Simão dos. III. Silva, Laís Pereira da. IV. Lira, Maria Clara Tavares de. V. André, Mariany Kétily Costa. VI. Silva, Vanuza Souza. VII. Ciência na escola para o desenvolvimento sustentável. VIII. Série Educação, Inclusão e Inovação Didática.

CDU: 396

José Winícios Santos da Silva
Ana Julia Simão dos Santos
Laís Pereira da Silva
Maria Clara Tavares de Lira
Mariany Kétily Costa André
Vanuza Souza Silva

COLEÇÃO SINPETE

CIÊNCIA NA ESCOLA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

MULHERES EM OLHO D'ÁGUA GRANDE (AL)

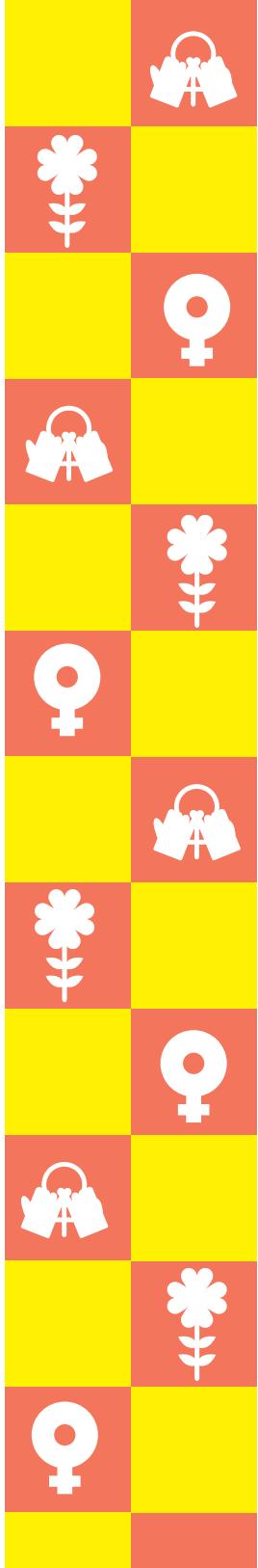
**DESAFIOS PARA A VALORIZAÇÃO DA FIGURA
FEMININA NA FORMAÇÃO CULTURAL**

SÉRIE 1 | VOLUME 1

**EDUCAÇÃO, INCLUSÃO
E INOVAÇÃO DIDÁTICA**



**Maceió/AL
2025**



Este volume integra a Coleção SINPETE - Ciência na Escola para o Desenvolvimento Sustentável, produto do Laboratório de Mentoría 2024-2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (Ufal)

Reitor

Josealdo Tonholo

Vice-reitora

Eliane Aparecida Holanda Cavalcanti

Pró-Reitora de Graduação

Eliane Barbosa da Silva

Coordenador de Desenvolvimento Pedagógico

Willamys Cristiano Soares

Coordenação do Programa de Formação Continuada em Docência do Ensino Superior (Proford/Ufal)

Regina Maria Ferreira da Silva Lima

Vera Lucia Pontes dos Santos

Líder do Grupo de Pesquisa Formação de Professores da Educação Básica e Superior (Foproebs/Prograd/Ufal)

Vera Lucia Pontes dos Santos

Coordenação-geral do Programa SINPETE - Ciência e Inovação na Educação Básica (Prograd/Ufal)

Vera Lucia Pontes dos Santos

Regina Maria Ferreira da Silva Lima

Coordenação do projeto Ciclo de Formação em Educação Científica e Sustentabilidade dos Biomas Brasileiros (Ufal/CNPq/MCTI)

Vera Lucia Pontes dos Santos

Laboratório de Mentoría (LabMent)

Coordenação

Hilda Helena Sovierzoski
Maria Ester de Sá Barreto Barros

Mentores científicos

André Felippe de Almeida Xavier
Cristiano da Silva Santos
Eliemerson de Souza Sales
Felipe Cabral da Silva
Francine Santos de Paula
Geisa Ferreira dos Santos
Isnaldo Isaac Barbosa
Jadriane de Almeida Xavier
Jeylla Salomé Barbosa dos Santos Lima
Laís de Miranda Crispim Costa
Laura Cristiane de Souza
Letícia Ribes de Lima
Luana Marina de Castro Mendonça
Luciana Santana
Luis Guillermo Martinez Maza
Marcela Fernandes Peixoto
Maria Ester de Sá Barreto Barros
Marília de Matos Amorim
Müller Ribeiro Andrade
Nickson Deyvis da Silva Correia
Patrícia Brandão Barbosa da Silva
Raphael de Oliveira Freitas
Regina Maria Ferreira da Silva Lima

Ricardo Augusto da Silva
Rosane Batista de Souza
Rosely Maria Morais de Lima Frazão
Sidinelma Araújo Filho
Vanessa Maria Costa Bezerra Silva
Vanuza Souza Silva
Vera Lucia Pontes dos Santos

Projetos

1. Atendimento educacional especializado: caixa de jogos em contextos de aprendizagens criativas.
2. Barbatimed: produção de membrana biodegradável a partir do amido da casca da mandioca (*Manihot esculenta Crantz*) utilizando extrato do barmatimão (*Stryphnodendron barbatiman*) como alternativa ecológica para curativos.
3. Biobijus: produção de bijuterias a partir da casca do ovo.
4. Canacraft: papel biodegradável a partir de bagaço de cana-de-açúcar.
5. Cobogós ecológicos e renda filé: sustentabilidade e cultura na arquitetura.
6. Desenvolvimento e aplicabilidade de filmes biodegradáveis em frutas.
7. Econap: conforto sustentável para pets.
8. Educação contextualizada e práticas sustentáveis na Escola Antônio Barbosa Leite.
9. Emma coque: madeira compensada sustentável utilizando os resíduos do coqueiro (*Cocos nucifera*).
10. Geladeira rentável de pastilha de Peltier.
11. Gess eco: utilização sustentável de casca de ovo na produção de gesso.
12. Hora do conto: território de aprendizagens.
13. Horta vertical: práticas com uso de material de descarte.
14. Liderança feminina e motivação matemática lúdica para estudantes da Escola Pedro Tenório Raposo.

15. Memes pra ver ouvir: laboratório de memes acessíveis para professores e usuários da audiodescrição.
16. Mentoria por pares em escolas alagoanas.
17. M.E.T.A: Mudança Estudantil Tavares Acessível.
18. Mulheres em Alagoas: desafios para a valorização da figura feminina na formação cultural.
19. Pomada Dermaliv.
20. Produção de biofertilizantes a partir de microrganismos eficientes coletados na caatinga.
21. Projeto de iniciação científica júnior - parasitos em foco: investigando e educando sobre doenças parasitárias em Paripueira-AL.
22. Projeto desvendando o céu da lagoa.
23. Povos quilombolas alagoanos: desafios para a valorização e reconhecimento da sua cultura.
24. Reciclamapa.
25. Repelente Caseiro.
26. Salas inteligentes com realidade aumentada: transformando a educação com tecnologia.
27. Sargassole - produção de uma borracha sustentável.
28. Sistemas inteligentes de embalagens à base de resíduos agroalimentares.
29. Tecendo redes e saberes: a sala *maker* da criatividade e empreendedorismo.
30. *Wildlife Adventures*: biomes – um jogo digital para educação e exploração dos biomas brasileiros.

Municípios

Branquinha, Maceió, Murici, Olho d'Água do Casado, Palmeira dos Índios, Rio Largo, Paripueira e Olho d'Água Grande.

Escolas Municipais

Escola Municipal Antônio Barbosa Leite

Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro Tenório Raposo

Escola Municipal de Ensino Fundamental Profa. Maria das Graças Oliveira

Escola Municipal Demócrito José

Escola Municipal Josélío Efigênio de Vasconcelos

Escola Municipal Silvestre Péricles

Escolas Estaduais

Escola Estadual Anália Tenório

Escola Estadual Dr. Rodriguez de Melo

Escola Estadual Graciliano Ramos

Escola Estadual João Francisco Soares

Escola Estadual Professor Rosalvo Lôbo

Escola Estadual Professora Benedita de Castro Lima

Escola Estadual Tavares Bastos

Escolas Particulares

Colégio Rosalvo Félix

Colégio Santíssima

Unidade Integrada Sesi/Senai Carlos Guido Ferrario Lobo

Instituições Federais

Instituto Federal de Alagoas (Ifal) - Campus Murici

Universidade Federal de Alagoas (Ufal) - Campus Maceió

- Faculdade de Letras (Fale/Ufal)
- Faculdade de Medicina (Famed/Ufal)

Apoio Institucional

Secretaria de Estado da Ciência, da Tecnologia e da Inovação (Secti) de Alagoas

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal)

Fundação Universitária de Desenvolvimento de Extensão e Pesquisa (Fundepes)

Universidade Estadual de Alagoas (Uneal)

Instituto Federal de Alagoas (Ifal)

Secretaria de Estado da Educação (Seduc - AL)

Instituto do Meio Ambiente (IMA)
União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime)
Secretaria Municipal de Educação de Maceió (Semed Maceió)
Federação das Indústrias do Estado de Alagoas - Fiea

Apoio Financeiro

Programa de Extensão da Educação Superior na Pós-Graduação
(Proext-PG/Ufal)

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
(Capes)

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
(CNPq)

Programa Nacional de Popularização da Ciência (Pop Ciência)
Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI)

Obra financiada com recursos do Programa de Extensão da
Educação Superior na Pós-Graduação (Ufal/Capes/Proext-PG).





AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus, pela força, sabedoria e inspiração que nos acompanharam ao longo de todo o desenvolvimento deste trabalho. Sem sua orientação, nada disso seria possível. Agradecemos também à gestão da Escola Estadual Anália Tenório, pelo apoio essencial na realização desta pesquisa e por proporcionar um ambiente acolhedor e incentivador.

Nosso sincero agradecimento aos entrevistados, que generosamente compartilharam suas histórias e vivências, permitindo que o verdadeiro significado dessas trajetórias fosse preservado. Suas contribuições foram fundamentais para esta construção.

Gratidão ao Programa Sinpete - Ciência e Inovação na Educação Básica e à Universidade Federal de Alagoas (Ufal) pelo incentivo à pesquisa e pelo apoio oferecido ao longo do trabalho. Nossa reconhecimento também à mentora Vanuza Souza Silva, pela orientação atenciosa e pelo comprometimento que foram essenciais para o desenvolvimento deste estudo.



Por fim, agradecemos às mulheres de Olho d'Água Grande, cuja coragem, fé e dedicação à comunidade são a verdadeira essência desta obra. Elas são as protagonistas da pesquisa e suas histórias de resistência e compromisso com a educação e a cultura local são a base deste estudo.





SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO 17

APRESENTAÇÃO DO VOLUME:
NOSSAS HISTÓRIAS DAS MULHERES 23

1 INTRODUÇÃO 27



**2 PURO AMOR: O LEGADO DE
GERALDINA CAVALCANTE** 29



Infância e juventude de Geraldina Cavalcante 30

Publicação do livro *Olho d'Água Grande: memórias de uma cidadã* 33

Contribuições para a cultura e para a manifestação religiosa da cidade 34

Contribuições para o hino do município de Olho d'Água Grande 34

Vida de Geraldina em Olho d'Água Grande 36

**3 NEIDE DA SILVA:
EXEMPLO DE PROTAGONISMO E
TRABALHO FEMININO OLHO-GRANDENSE** 39

A importância do reconhecimento de trabalhadoras e mães solo 40

Os primeiros anos de Neide da Silva: memórias, trabalho e barreiras 41

A maternidade solo no Brasil: desafios, sobrecarga e responsabilidades 42



A luta de uma mãe pela educação dos filhos	43
A mudança do acesso à água	46
A desvalorização do trabalho de gari	46
O dia a dia de Neide	48
Reconhecimento do protagonismo feminino	48

4 ÁUREA DOS SANTOS:

UM EXEMPLO DE MULHER

NA CULTURA OLHO-GRANDENSE	51
A juventude da menina “Preta”	52
O Piau para os olho-grandenses	53
A mandiocada e a música do Piau cantada	54
A mandioca na cultura indígena e a perda da cultura	56
A vida escolar	58
A maternidade de Áurea	58
O que é ser mulher forte?	60



5 EDUCAÇÃO E INSPIRAÇÃO:

MULHERES EDUCADORAS DE OLHO D’ÁGUA GRANDE	63
Anália Tenório: o início de uma história	64
Luzilânia Bispo: a sabedoria de uma mulher visionária	66
Cristina Bóia: amor além da Profissão	69

6 VIVÊNCIA NO SINPETE E NO LABMENT:

APRENDIZADOS PARA A PESQUISA E A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	79
SOBRE OS/AS AUTORES/AS E ORGANIZADORAS	83



APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

E com imensa alegria que apresentamos a terceira edição da *Coleção Sinpete – Ciência na Escola para o Desenvolvimento Sustentável*, uma publicação anual que se consolida como espaço de divulgação científica e popularização da ciência, tecnologia e inovação entre estudantes e professores da Educação Básica e Superior. Esta obra é fruto do compromisso da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), por meio do Programa *Sinpete – Ciência e Inovação na Educação Básica*, com a valorização da ciência escolar, a promoção da cultura científica e o incentivo a práticas sustentáveis nos diversos territórios educacionais de Alagoas.

Resultado direto do Laboratório de Mentoría (Lab-Ment), a Coleção reafirma o papel da universidade pública na formação de sujeitos críticos e criativos, na construção coletiva do conhecimento e no fortalecimento do vínculo entre ciência e sociedade.

Nesta terceira edição, são apresentados trinta projetos escolares de pesquisa e intervenção realizados por professores e estudantes do Ensino Fundamental, Médio,





Técnico e Superior, oriundos de escolas públicas e privadas de oito municípios alagoanos. As experiências aqui publicadas foram selecionadas por meio do “Concurso de Ideias e Pesquisas Inovadoras” do Sinpete 2024, realizado de forma simultânea nos municípios de Maceió, Arapiraca e Delmiro Gouveia, durante a 21^a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. Todo o processo contou com a participação essencial dos mentores científicos do LabMent — uma equipe interdisciplinar composta por docentes, discentes de pós-graduação e pesquisadores da Ufal e instituições parceiras — que acompanharam cada equipe, desde a revisão da versão inicial do projeto à elaboração do texto final do livro.

A proposta metodológica da Coleção se alicerça na prática da mentoria científica, compreendida como uma ação formativa, dialógica e orientadora, que promove a escuta, o acolhimento, o desenvolvimento das competências investigativas e o estímulo à autoria estudantil. Cada equipe é formada por um professor-orientador e até quatro estudantes, acompanhados por um mentor voluntário, em uma relação de confiança, colaboração e construção mútua de saberes. Essa aproximação entre universidade e escola reafirma o compromisso da Ufal com a formação continuada e com o fortalecimento da Educação Básica e Superior de Alagoas.

Todos os projetos publicados dialogam com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com destaque para as áreas de Educação Científica, Educação Ambiental, Educação em Direitos Humanos e Educação para o Desenvolvimento Sustentável, em consonância com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da Or-





ganização das Nações Unidas (ONU, 2015). Dentre as competências mobilizadas, destacam-se o pensamento crítico e criativo, a empatia, a colaboração, a responsabilidade social e o protagonismo juvenil.

A Coleção valoriza a ciência feita com os recursos do território, a partir de uma abordagem pedagógica interdisciplinar, voltada à resolução de problemas reais e ao uso criativo de tecnologias acessíveis. Os projetos apresentados demonstram que a ciência pode — e deve — ser compreendida como uma prática viva, coletiva e transformadora, construída com e para os estudantes.

Para facilitar a leitura, articulação pedagógica e aplicação dos conteúdos nos contextos escolares, os 30 projetos estão organizados em três séries temáticas, compostas por dez volumes, cada:



A. Série 1 – Educação, Inclusão e Inovação Didática

Apresenta propostas voltadas a práticas pedagógicas inovadoras, acessibilidade, cidadania e uso criativo de tecnologias educacionais:

1. Mulheres em Olho d'Água Grande (AL): desafios para a valorização da figura feminina na formação cultural;
2. Soluções criativas e sustentáveis para cultivar a vida dentro da escola;
3. Meta: Mudança Estudantil Tavares Acessível: uma jornada de transformação rumo à inclusão e à diversidade;
4. Memes pra ver ouvir: laboratório de memes científicos acessíveis para professores e usuários da audiodescrição



5. Caixa de jogos: aprendizagens criativas no atendimento educacional especializado;
6. Mentoría por pares: transformando realidades em escola pública alagoana;
7. Povos quilombolas alagoanos: desafios para a valorização e o reconhecimento da cultura da comunidade Mumbaça;
8. Wildlife adventures: um jogo digital educativo para explorar os biomas brasileiros;
9. Liderança feminina e matemática lúdica: motivação e aprendizagem na Escola Pedro Tenório Raposo;
10. Hora do conto, território de aprendizagens: contação de histórias para encantar e incentivar a leitura nos anos iniciais.

B. Série 2 - Sustentabilidade, Reutilização e Produtos Naturais

Reúne iniciativas que promovem o reaproveitamento de materiais, a valorização da biodiversidade, a biotecnologia e a produção sustentável:

1. Sustentabilidade nas mãos dos estudantes: horta vertical com reuso do plástico na Escola Municipal Silvestre Péricles;
2. Barbatimed: membrana cicatrizante sustentável feita com resíduos de mandioca e barbatimão;
3. Canacraft: papel biodegradável a partir de bagaço de cana-de-açúcar;
4. Gess Eco: utilização sustentável de casca de ovo na produção de gesso;





5. Cobogós com alma alagoana: renda filé, arquitetura e sustentabilidade;
6. Pomada d'Aliv: elaboração de um produto com a utilização de plantas medicinais para tratamento de contusões;
7. Soluções da natureza: produção escolar de repelentes ecológicos;
8. Biofertilizantes do Sertão: microrganismos da caatinga a serviço da sustentabilidade;
9. BioBijus: transformando casca de ovo em arte e sustentabilidade;
10. Emma Coque: compensado sustentável utilizando os resíduos do coqueiro.



C. Série 3 - Tecnologia Sustentável e Inovação Aplicada

Contempla projetos com foco em dispositivos funcionais, soluções tecnológicas e protótipos com impacto ambiental positivo:

1. Geladeira rentável com pastilha de Peltier: uma alternativa sustentável e acessível para refrigeração;
2. Filmes biodegradáveis: inovação sustentável na conservação de frutas;
3. Sargassole – É possível produzir borracha a partir do sargaço?;
4. Além das quatro paredes: educação imersiva com realidade aumentada;
5. Desvendando o céu da lagoa: astronomia para todos;



6. Reciclamapa: um aplicativo com elo entre ciência, educação e meio ambiente;
7. Doenças parasitárias em Paripueira (AL): investigação científica e educação em saúde;
8. Criar, Reutilizar, Cuidar: camas sustentáveis para pets com pneus inservíveis;
9. Tecendo redes e saberes: a sala maker da criatividade e do empreendedorismo;
10. Sistemas inteligentes de embalagens à base de resíduos agroalimentares.

Esta edição da Coleção SINPETE é mais do que uma compilação de projetos científicos — é um convite à esperança, à criatividade e à ciência que nasce na escola, ganha forma com ela e se fortalece na ponte com a universidade. Por meio destas páginas, é possível testemunhar como a nossa adolescência e juventude vêm se apropriando do conhecimento científico para transformar suas comunidades, imaginar futuros sustentáveis e afirmar sua voz no mundo.



Convidamos você, leitor e leitora, a mergulhar nesta leitura com olhar curioso e coração aberto. Que cada página inspire novas ideias, que cada projeto dialogue com sua prática, e que, juntos, possamos reafirmar o poder da ciência, da educação e do trabalho colaborativo na construção de um mundo mais justo, inclusivo e sustentável.

As Organizadoras



APRESENTAÇÃO DO VOLUME

NOSSAS HISTÓRIAS DAS MULHERES

Eis aqui nossas histórias das mulheres¹, um livreto constituído por diferentes histórias de mulheres que revolucionaram e revolucionam o cotidiano da cidade de Olho d'Água Grande, em Alagoas. Com o projeto submetido à Semana Institucional de Pesquisa, Tecnologia e Inovação na Educação Básica (Sinpete) e contemplado para participação no Laboratório de Mentoría (LabMent), visando à produção e publicação científica, encontramos aqui a oportunidade de contar um pouco da história da cidade sob o olhar feminino de quatro estudantes da Escola Estadual Anália Tenório. São narrativas a partir das trajetórias de mulheres de raça e classe social diversas. O que essas mulheres fortes, revolucionárias e desbravadoras ensinam às jovens escritoras deste livreto? Que aprendizados são tecidos nas linhas destas páginas?

Jovens estudantes e já pesquisadoras escrevem sobre mulheres e aprendem com elas sobre trabalho, estudo, amor, empoderamento e liberdade através do conhecimento. Elas escolheram as mulheres sobre quem escrevem; elas tecem

¹ Referência ao livro *Minha história das Mulheres*, de Michelle Perrot. Tradução de Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.





essas linhas como quem vai se (re)descobrindo e já desenhando seus sonhos, olhando para o passado de mulheres que venceram a pobreza, a ignorância, o preconceito e o apagamento de sua cultura, apontando para o futuro. Elas são o elo entre passado e futuro, ligam fio a fio as memórias que vão alinhando as experiências passadas de contextos tão distantes e, ao mesmo tempo, tão próximos. Elas também são o sonho das mulheres que lutaram para estar onde estão e na escola onde estudam, cantando o hino de sua cidade, admirando as professoras e lendo sobre educadoras que fundaram o sistema de ensino em suas presentidades.

Como as mulheres inscritas neste livro se explicam e se ressignificam ao longo dos textos para as jovens escritoras? Que memórias escolhem para se apresentar? E como falaram daquelas que já não estão no presente, a exemplo da professora Geraldina? Os inscritos das meninas-mulheres narram o amor e a educação na trajetória de dona Geraldina; a força e a coragem de dona Neide – que, como gari e mãe solo, criou os filhos sozinha; a alegria e a tradição de Áurea, que levou para as gerações a tradição indígena da mandiocada; os desafios de mulheres educadoras conforme Anália Tenório, Luzilânia e Cristina Bóia, mães que desafiaram seu tempo e escolheram ensinar.

Orientada pelo professor de Língua Portuguesa da Escola Estadual Anália Tenório, situada no Agreste Alagoano, esta produção, vinculada ao Sinpete, contribui para a história da cidade olho-grandense, constrói fontes para futuras pesquisas e rompe com os silêncios sobre as mulheres. Des-



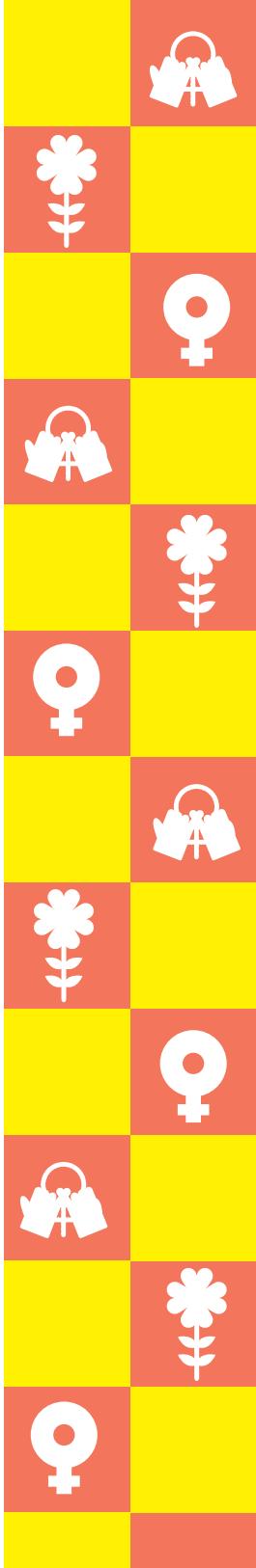


se modo, é um trabalho pioneiro e torna-se um referencial para a história e a memória de Olho d'Água Grande.

Vanuza Souza Silva

Mentora científica do Sinpete/Ufal e professora do curso de Relações Públicas da Ufal







1 INTRODUÇÃO

A história das mulheres de Olho d'Água Grande, assim como a de tantas outras brasileiras, é marcada por desafios, superações e contribuições significativas para a vida social, cultural e política da comunidade. Em um cenário historicamente desigual, essas mulheres desempenharam, e continuam desempenhando, papéis fundamentais na construção da identidade local, muitas vezes sem o devido reconhecimento. Valorizar suas trajetórias é essencial não apenas para resgatar a memória coletiva do município, mas também para fortalecer o pertencimento cultural e incentivar a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A escolha por abordar a vida e a atuação das mulheres de Olho d'Água Grande se justifica pela necessidade de reconhecer o protagonismo feminino dentro do contexto local, geralmente negligenciado pelos registros históricos tradicionais. Ao contar essas histórias, a presente produção busca não apenas homenageá-las, mas também contribuir para a formação de uma consciência coletiva mais sensível às questões de gênero, respeitando a diversidade e promovendo a equidade dentro e fora do ambiente escolar.





O referencial teórico-metodológico desta pesquisa foi construído, principalmente, a partir de entrevistas realizadas com mulheres da comunidade de Olho d'Água Grande e com familiares daquelas que já partiram, mas deixaram um legado significativo para a história do município. Essas narrativas orais foram fundamentais para compreender o papel social, cultural e afetivo dessas mulheres na formação da identidade local. Também foram consultados livros e trabalhos acadêmicos que ratificam a relevância de se pesquisar a importância cultural da figura feminina.

Os textos que compõem esta obra também estão diretamente relacionados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente ao ODS 5 – Igualdade de Gênero, que busca “alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas” (ONU, 2015). Ao destacar histórias de mulheres do município, promovemos o empoderamento feminino e incentivamos o respeito à diversidade, além de combater estereótipos e desigualdades que ainda persistem na sociedade. A educação, nesse contexto, torna-se uma ferramenta fundamental para disseminar valores de equidade e justiça.

Assim, o objetivo geral desta produção é valorizar a trajetória de mulheres de Olho d'Água Grande, reconhecendo sua importância histórica, cultural e social para o município. Dentre os objetivos específicos, estão: resgatar histórias de vida de mulheres que contribuíram para a cultura local; refletir sobre os papéis por elas desempenhados na sociedade; estimular o respeito e a valorização da figura feminina no contexto educacional e relacionar o protagonismo feminino local aos princípios da igualdade de gênero defendidos pelo ODS 5.





2 PURO AMOR:

O LEGADO DE GERALDINA CAVALCANTE

Quantas mulheres que contribuíram para a cultura, a política, a saúde e/ou a educação local permanecem desconhecidas? A ausência desses relatos nos registros oficiais revela uma enorme lacuna na valorização da figura feminina na formação cultural. Com esta pesquisa, busca-se sanar tal lacuna, mostrando a história de uma mulher ilustre para a cidade de Olho d'Água Grande (ODG).



Além de professora, Geraldina Cavalcante da Silva era considerada a história viva de ODG. Moradores e muitos professores a viam como um grande exemplo de contribuição direta para a educação ou para a cultura religiosa do município, sempre incentivando as crianças que tinham interesse em representar os anjos do céu. Ela era exemplo não só por ser professora, mas também por ensinar as crianças a fazer o bem e seguir o bom caminho.

Segundo relatos de seus familiares, desde muito nova, Geraldina interessou-se por história, chegando à cidade ainda durante a adolescência. Na infância, conheceu vários estados do Brasil. Seu interesse pela história perdurou por toda a vida; ela sempre estava escrevendo e rabiscando em cadernos rascunhos do que, mais tarde, viraria seu livro.



De maneira análoga, Geraldina tinha muita propriedade para escrever sobre os acontecimentos de ODG. Ela vivenciou muitos pontos importantes, como, por exemplo, a emancipação da cidade, em 1962. Em decorrência de sua idade, Geraldina viveu com pessoas que fizeram a história do município. Entre elas, destaca-se o ex-prefeito Antônio Lima.

Como forma de reconhecimento pelo apoio e pela colaboração na publicação do livro de Geraldina, Antônio Lima e seus filhos receberam um exemplar da obra das mãos de Luzilânia Bispo Araújo – atual articuladora de ensino da Escola Estadual Anália Tenório –, em um gesto simbólico de gratidão, tendo em vista a impossibilidade de comparecerem à cerimônia de lançamento.

Infância e juventude de Geraldina Cavalcante

Geraldina Cavalcante da Silva nasceu em Missão Velha, Ceará, em 1927. Segundo a família, ela teve uma infância confortável, pois seu pai exercia função semelhante à de um engenheiro. Sua sobrinha Jarina Cavalcante dos Santos e seu sobrinho João Batista do Nascimento Filho contam que o pai de Geraldina era como um cigano: “morava em um canto e depois partia para outro”. Assim, ela conheceu vários estados do Brasil, aprendendo um pouco da história de cada um deles.

Geraldina sempre falava com entusiasmo sobre Palmeira dos Índios, em Alagoas, cidade onde sua irmã nasceu. Os sobrinhos contavam que, em cada passeio de carro, a tia fazia questão de comentar sobre os lugares por onde passavam,





explicando a origem dos nomes e compartilhando histórias. Dona Jarina disse: “É incrível ter na minha família uma pessoa com uma memória tão brilhante, um verdadeiro crânio!”.

Durante a entrevista com os familiares², foi perguntado se eles acreditavam que o legado de dona Geraldina estava sendo reconhecido. A resposta foi um enfático “sim”, em uníssono. Cada palavra dita na conversa carregava profunda emoção, refletindo o carinho e a admiração que todos sentiam por dona Geraldina. Ela era extremamente querida; os sobrinhos fizeram questão de destacar o quanto era amada. Um deles resumiu esse sentimento, dizendo: “Titia não só espalhava amor, ela era o puro amor!”.



Figura 1 – Entrevista com os sobrinhos de dona Geraldina



Fonte: Arquivo dos autores, 2025.

² Todas as informações entre aspas sobre a vida de Geraldina Cavalcante foram obtidas nas entrevistas realizadas com João Batista e Jarina Cavalcante, sobrinhos de dona Geraldina, no dia 10 de abril de 2025, e Luzilânia Bispo, articuladora de ensino da Escola Estadual Anália Tenório, no dia 10 de abril de 2025.



A articuladora de ensino da Escola Estadual Anália Tenório, Luzilânia Bispo de Araújo, mais conhecida como Lânia, foi questionada sobre o que poderia dizer a respeito de dona Geraldina, já que, durante sua infância, conviveu com a ilustre escritora. Na entrevista, Lânia relembrou com carinho os momentos em que a via escrevendo em um espaço da casa onde existia um belo balanço de madeira. Contou como Geraldina costumava rabiscar em seus cadernos, registrando fatos da cidade e suas próprias lembranças – “as memórias de uma cidadã”³, como definia.

Lânia mencionou, ainda, o quanto se encantava ao ler essas anotações, reconhecendo nelas um conhecimento riquíssimo e inspirador. Em suas palavras: “A professora Geraldina Cavalcante... Ela carregava no próprio nome, na sua essência, um exemplo de pessoa”.



Figura 2 – Entrevista com Luzilânia Bispo



Fonte: Arquivo dos autores, 2025.

³ Referência ao título da obra de autoria de Geraldina Cavalcante.

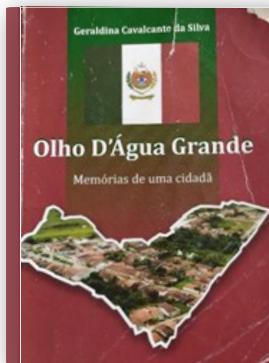


Publicação do livro *Olho d'Água Grande: memórias de uma cidadã*

Geraldina comoveu a cidade ao anunciar que registraria as histórias do município em um livro. A publicação foi lançada em uma tarde marcante, como relatou a articuladora de ensino. Lânia contou que, no início do evento, houve uma queda de energia elétrica. Ela não se recorda se a luz retornou durante a cerimônia ou se a celebração prosseguiu no escuro, mas afirmou que, apesar disso, a ocasião foi muito especial.

Ao adquirir um exemplar do livro, Lânia lembrou-se do prefeito anteriormente mencionado – uma figura importante para o município – e contou que, como forma de agradecimento, Geraldina presenteou-o com um exemplar do livro da mesma edição do registro a seguir:

Figura 3 – Capa do livro de dona Geraldina



Fonte: Arquivo dos autores, 2025.



Contribuições para a cultura e para a manifestação religiosa da cidade

Dona Geraldina foi uma das pioneiras nas contribuições à Igreja Católica. Cuidava da igreja da cidade com dedicação, muitas vezes utilizando recursos do próprio bolso, sendo reconhecida por transmitir valores morais e intelectuais a todos ao seu redor. Participava ativamente dos eventos do município, especialmente os religiosos, organizando procissões e celebrações católicas com grande empenho.

Com pensamentos claros e firmes sobre o bem-estar da juventude, ela incentivava os jovens a seguir caminhos que estivessem alinhados com os ensinamentos de Deus. Além disso, tinha um papel importante no apoio à comunidade carente, confeccionando enxovais de crochê para bebês.

Durante a entrevista, seus sobrinhos falaram com entusiasmo sobre o quanto a tia contribuía para a cidade – e como dominava com maestria mais de mil pontos de crochê, tricô e bordado.

Contribuições para o hino do município de Olho d'Água Grande

Durante a entrevista com a família, foi abordado o tema do hino da cidade de Olho d'Água Grande, especialmente por se saber que Geraldina teve um papel importante em sua criação. Os familiares contaram que ela participou ativamente do processo de elaboração do hino, contribuindo tanto na melodia quanto na construção da letra, em par-





ceria com uma amiga. No entanto, não há registros oficiais que reconheçam sua autoria.

Atualmente, ao se pesquisar na internet, a letra do hino é atribuída a Eunice Dolores Brito – madrinha de João Batista, sobrinho de Geraldina –, enquanto a melodia aparece creditada a Geraldina Cavalcante.

Hino Municipal de Olho d'Água Grande

Olho d'Água pequeno em tamanho
Mas de grande existência mental
Tem sofrido nas artes e nas letras
Tem cumprido um destino imortal

Sua história de estudo e ensino
É presente na educação
Seu passado eleva o rumo
Na memória dos seus cidadãos

Se teus filhos migram com os outros
Na esperança de um dia voltar
Tem na alma bravura ardente
Deste berço feliz, deste altar

Olho d'Água, tu és majestoso
Na presença do céu cor de anil
Solo fértil de muitas riquezas
Pedacinho do nosso Brasil

É infinito o quanto és querida
Sua glória nos faz tão leais
Por modesto, de gesto sublime
E grandeza nos seus ideais

Lutaremos se assim for preciso





Em defesa desse nosso chão
Com esforços jamais esquecidos
Liberdade, trabalho e união.

Embora não existam registros oficiais que reconheçam a participação de Geraldina na autoria da letra do hino de Olho d'Água Grande, sabe-se, por relatos familiares, que ela foi uma peça fundamental em sua composição. Mesmo sem a devida formalização, sua presença no processo é lembrada com respeito e reconhecimento por aqueles que acompanharam sua dedicação à cultura do município.

Vida de Geraldina em Olho d'Água Grande



Geraldina chegou a Olho d'Água Grande ainda na adolescência, onde se estabeleceu definitivamente e viveu o restante de seus dias ao lado da família, em meio a uma vida tranquila e repleta de amor. Durante a juventude, enfrentou uma doença que causou paralisia no corpo e, mais tarde, a perda da fala. No entanto, mesmo diante dessas limitações, nunca deixou de irradiar afeto e compartilhar conhecimento com todos ao seu redor.

Geraldina era uma pessoa admirável, um verdadeiro exemplo para toda a cidade. Escrevia com impressionante maestria – prova disso foi a reação das pessoas que receberam os textos de seu livro para impressão, surpresas com a qualidade e profundidade da escrita.

A seguir, a imagem dessa mulher inspiradora, protagonista da nossa pesquisa.

**Figura 4 – Dona Geraldina**

Fonte: Arquivo familiar, 2013.



Infelizmente, no dia 19 de março de 2025, Geraldina veio a falecer, aos 97 anos e 11 meses, deixando um imenso vazio entre familiares e amigos. Durante o velório, uma emocionante homenagem foi prestada: crianças vestidas de anjos participaram da cerimônia, simbolizando o forte vínculo que ela mantinha com a Igreja Católica e seu constante incentivo às ações religiosas.

A memória de Geraldina é amplamente reconhecida em Olho d'Água Grande – sua história de solidariedade, seu trabalho com as famílias carentes, sua dedicação à Igreja e os ensinamentos que deixou continuam vivos, como legado de uma vida exemplar.



Geraldina Cavalcante da Silva não foi apenas uma educadora, uma escritora ou uma cidadã ativa. Ela foi e continuará sendo um elo fundamental entre a memória e a identidade do povo de Olho d'Água Grande. Sua presença ainda habita os bancos da igreja e os versos do hino que embalam o município.

Falar sobre Geraldina é preservar um legado de afeto, dedicação e saber; é garantir que as futuras gerações conheçam a grandeza de uma mulher que, mesmo diante das limitações do corpo, nunca deixou de ensinar, de amar e de acreditar. Seu nome, suas palavras e seus gestos continuam vivos não apenas nas páginas de seu livro, mas na lembrança de cada vida que ela tocou com ternura e amor.





3 NEIDE DA SILVA:

EXEMPLO DE PROTAGONISMO E TRABALHO FEMININO OLHO-GRANDENSE

Antes de falar sobre a trajetória inspiradora de Neide da Silva, é essencial traçar um breve contexto histórico da inserção feminina no mercado de trabalho. A Revolução Industrial, iniciada na segunda metade do século XVIII, marcou um ponto de virada nesse processo, promovendo a entrada das mulheres no ambiente laboral, ainda que em condições bastante precárias. Esse movimento abriu caminhos para a gradual conquista de direitos e espaços, possibilitando que, ao longo do tempo, surgissem figuras femininas que se destacaram em diferentes áreas – como é o caso de Neide da Silva, um verdadeiro exemplo de protagonismo e dedicação em Olho d'Água Grande.

Com o surgimento das indústrias e a demanda por mão de obra abundante e de baixo custo, a participação feminina passou a se inserir no sistema de produção, principalmente nos setores têxtil, alimentício e de vestuário. Contudo, essa atuação ocorreu em condições altamente precárias. As mulheres possuíam jornadas de trabalho lon-





gas, regularmente excedendo 12 horas por dia. O trabalho feminino recebia baixos salários, tornando-se mais favoráveis para os empregadores.

Segundo Hobsbawm (2000, p. 65):

[...] é quase certo que a fabricação do algodão contribuía mais para acumulação de capital que outras, ao menos porque a rápida mecanização e o uso generalizado de mão-de-obra barata (de mulheres e adolescentes) permitia uma elevada transferência dos rendimentos do trabalho para o capital. De 1820 a 1845, o produto líquido industrial cresceu cerca de 40% (em valor corrente) e sua folha de pagamento em apenas 5%.

Mesmo diante das condições desfavoráveis, a atuação do trabalho feminino foi essencial para o fortalecimento da industrialização e nas mudanças sociais da época.



A importância do reconhecimento de trabalhadoras e mães solos

Não somente as mulheres que atuam em espaços de liderança ou na educação formal devem ser valorizadas: também é fundamental reconhecer aquelas que desempenham funções essenciais, muitas vezes ignoradas pela sociedade, como as garis e as empregadas domésticas. Destacar as histórias dessas mulheres é fundamental para ampliar a compreensão sobre a valorização de todos os tipos de trabalho. Mesmo sendo constantemente invisibilizadas,



elas cumprem tarefas indispensáveis, mantendo a limpeza e a organização de espaços públicos.

Além disso, é necessário abordar a realidade de mães solo, que frequentemente são julgadas pela sociedade, enfrentando sozinhas as dificuldades para criar seus filhos e garantir o sustento da casa. Dessa forma, é necessário romper com os preconceitos e reconhecer suas histórias com empatia, respeito e valorização.

Os primeiros anos de Neide da Silva: memórias, trabalho e barreiras

Neide da Silva nasceu no município de Lagoa da Canoa, Alagoas. Filha de uma família humilde, cresceu junto a seus pais e seis irmãos em um ambiente familiar caracterizado por vínculos afetivos profundos. Devido à ausência de acesso ao ensino formal durante a infância, Neide não pôde concluir sua formação escolar básica.

Acostumada a ajudar os pais nos trabalhos do campo, como plantação de milho, mandioca e feijão, Neide, desde muito pequena, já colaborava com as tarefas domésticas e no cuidado com os irmãos mais novos quando seus pais estavam ausentes, dedicando-se ao trabalho agrícola. Apesar de não ter tido acesso ao âmbito escolar, ela relata sua infância como um momento de grande alegria e aquisição de conhecimentos, o que pode ser comprovado em sua própria fala, expressando carinho pelas recordações passadas: “Se





a infância dos meus filhos fosse igual à minha, eles tinham gostado muito”⁴.

Quando ainda morava em Lagoa da Canoa, Neide trabalhou em uma fazenda de fumo onde o ambiente de trabalho era benéfico, consequência da postura solidária e acolhedora de seus patrões. A supressão de despesas, como a do aluguel, possibilitou o acúmulo de recursos financeiros que foram direcionados para a compra de uma casa, onde Neide estabeleceu residência.

Por volta dos 22 anos, após se casar com seu então companheiro, houve a transição de moradia do município de Lagoa da Canoa para Olho d’Água Grande, simbolizando uma mudança significativa em sua jornada pessoal: o começo de uma nova etapa em sua vida. Depois disso, Neide escolheu vender seu imóvel para, então, investir na aquisição de um terreno. Essa ação estabeleceu a realização de um dos seus maiores sonhos: a casa própria.



A maternidade solo no Brasil: desafios, sobrecarga e responsabilidades

A maternidade solo é vista como uma realidade comum, no entanto, constantemente despercebida. De acordo com uma pesquisa realizada pela FGV Ibre (2023), entre 2012 e 2022, o número de mães solo no Brasil registrou um aumento de 17,8%, passando de um total de 9,6 milhões para 11,3 milhões. Esse crescimento de aproximadamente

⁴ Todas as informações entre aspas sobre a vida de Neide da Silva foram obtidas por meio de entrevista em sua residência, no dia 11 de abril de 2025.



1,7 milhões em uma década evidencia as mudanças na estrutura familiar brasileira.

A maternidade solo exige o desempenho de inúmeras responsabilidades simultâneas, atribuindo às mães o cuidado com os filhos, a gerência das tarefas domésticas e a garantia do sustento econômico da família, gerando sobrecarga e influenciando diretamente a saúde física e mental das mulheres, como afirma Quednau (2007, p. 26):

Ao tornar-se mãe, a mulher tem um desafio de conciliar a maternidade com a vida profissional. Após tanta luta para conseguir seu espaço na sociedade, as mulheres têm enfrentado um conflito interno, pois estão convivendo com um acúmulo de tarefas, ficando, assim, sobrecarregadas.

Milhares de mulheres brasileiras vivenciam esse cenário no seu cotidiano. Exemplo disso é Neide da Silva, mãe de 12 filhos, um deles falecido na infância. Após a ausência do parceiro, Neide passou a exercer todas as responsabilidades familiares quando alguns dos seus filhos ainda eram pequenos. Sua trajetória ilustra a persistência e a coragem de diversas mulheres que, mesmo diante dos desafios, desempenham o papel de mãe com muito amor, dedicação e cuidado.

A luta de uma mãe pela educação dos filhos

Em entrevista, Neide da Silva, ao ser perguntada sobre qual seria sua maior alegria em relação aos filhos, relatou:





Os filhos foram uma bênção, não tenho o que falar... Só em hoje os meus filhos serem todos estudados, me esforcei muito, não pude dar o que eles queriam, mas enfim... O meu sonho, o que eu desejava que eles fossem, eles tão seguindo o caminho deles.

Essa fala de Neide retrata a experiência de uma mulher que, na infância, não teve a oportunidade de estudar. Apesar disso, sonhava constantemente com um futuro diferente para os filhos. O empenho contínuo para possibilitar um futuro mais promissor aos filhos reflete seu papel materno, comprometido com a transformação do futuro deles, e resulta em orgulho ao vê-los conquistando o acesso à educação.

Neide da Silva criou seus filhos com muito esforço, dedicação e carinho. Ela se orgulha da trajetória de cada um e compartilha suas conquistas com alegria. Os filhos mais velhos, Nilton e Jhon Lennor, moram em Vitória, no Espírito Santo, onde trabalham como padeiros, Jhon Cleiton também mora em Vitória e trabalha como agricultor. José exerce a função de motorista em um supermercado local, enquanto Clédison seguiu a carreira educacional, tornando-se professor de Geografia. Luzelito atua na área de telemarketing e faz graduação em Ciências Contábeis. Reunendes também trabalha em um mercado da região. Cícera e Kelly residem em Vitória, ambas casadas e com suas próprias famílias. Gleiciane vive em São Paulo, onde formou família e conquistou a casa própria. Já o filho mais novo, Jhon Samuel, ainda está cursando o ensino médio.





Cada conquista demonstra não apenas o sucesso individual, como também evidencia a importância do apoio de Neide para o alcance das metas pessoais de seus filhos. Ela nos revelou que abriu mão de realizar seus próprios sonhos para cuidar de seus filhos. Segundo suas próprias palavras:

E assim, meu sonho, se eu tivesse tido condições, que eu tinha vontade mesmo era de construir uma empresazinha assim, para eles trabalharem, como um mercadinho, para eles trabalharem juntos, mas enfim... Não pude fazer isso, mas quem sabe um dia eu realize esse sonho.

A citação acima foi feita alguns momentos após o registro a seguir:



Figura 5 – Entrevista com Neide da Silva



Fonte: Arquivo dos autores, 2025.



A mudança do acesso à água

Em Olho d'Água Grande, a fonte local da cidade era utilizada como uma alternativa essencial para atender às necessidades cotidianas relacionadas ao uso da água, sendo empregada para lavar roupa, tomar banho, beber ou limpar a casa.

Neide menciona na entrevista: “Nós acordava quatro horas da manhã, ia pra lá, pra fonte, buscar água. Quando chegava em casa, ia cuidar do café, e pegava lá para beber e ia para o tanque lavar roupa”. Seu relato é um exemplo do cotidiano de muitas mulheres da cidade que, além de buscar água na fonte, utilizavam o espaço para lavar roupa.

Posteriormente, com a chegada da água encanada, houve alteração nos hábitos da população. A implantação do sistema de água encanada tornou mais fácil o acesso diretamente em casa, resultando na diminuição das idas à fonte. Entretanto, na casa de Neide, a adaptação levou mais tempo. Ela só obteve acesso à água encanada após dois anos, devido à falta de recursos financeiros e à ausência de conhecimento da população sobre o processo de instalação.



A desvalorização do trabalho de gari

O trabalho de gari é fundamental para a organização das cidades, pois desempenha função primordial no sistema de limpeza urbana e na saúde ambiental. Mesmo com relevância social evidente, esse trabalho é, historicamente, alvo de desvalorização social e estigmatização. Quando rea-



lizado por mulheres, os desafios enfrentados são constantemente mais complexos, marcados por classe, raça e gênero.

Segundo Hirata (2014, p. 61):

Nessa perspectiva a ideia de um ponto de vista próprio à experiência e ao lugar que as mulheres ocupam cede lugar à ideia de um ponto de vista próprio à experiência da conjunção das relações de poder de sexo, de raça, de classe, o que torna ainda mais complexa a noção mesma de “conhecimento situado”, pois a posição de poder nas relações de classe e de sexo, ou nas relações de raça e de sexo, por exemplo, pode ser dissimétrica.

Os profissionais da limpeza urbana encaram desafios em sua rotina de trabalho, como a exposição a materiais perigosos, a falta de equipamentos adequados e as variações climáticas extremas. Ademais, lidam com a desvalorização social e o preconceito, o que intensifica as dificuldades diárias.

Na cidade, a falta de conhecimento e de acesso a informações limitava várias oportunidades, incluindo a participação em provas para o serviço público. Neide não pensava em prestar concurso, em consequência das falas desmotivadoras de que “não valia a pena”. Contudo, com a persistência de sua mãe, junto ao apoio de um funcionário da prefeitura, ela acabou passando por um certame e conseguindo aprovação. Neide afirmou na entrevista: “Mas, se não fosse a minha mãe e ele, por a maioria do povo aqui, eu não tinha feito, não. Porque o povo só desanimava... Dizia que não valia de nada”.





O dia a dia de Neide

Neide possui uma rotina diária marcada por inúmeras responsabilidades, tanto profissionais quanto domésticas. Quando está em casa, ela começa suas atividades logo ao amanhecer. São tarefas como varrer a casa, lavar os pratos e cuidar dos filhos. Em seu tempo livre, dedica-se ao crochê.

Nos dias em que exerce sua profissão de gari, a rotina se intensifica: Neide inicia seu dia às cinco horas da manhã, voltando para casa por volta das dez. Logo depois, prepara o almoço, retornando ao trabalho às 13h30. É evidente a sobrecarga de responsabilidades vivenciada na realidade de muitas mulheres que dividem seu tempo para conciliar o trabalho e as tarefas do lar.



Reconhecimento do protagonismo feminino

Reconhecer as histórias invisibilizadas das mulheres na sociedade é crucial para romper com as bases que reforçam as desigualdades e o apagamento de suas contribuições, principalmente daquelas que enfrentam múltiplas formas de opressão, como garis e mães solo. Com seu trabalho fundamental, contudo ocultado e negligenciado, essas figuras femininas são constantemente excluídas dos registros históricos. No entanto, asseguram o bom funcionamento da sociedade, exercendo diversas responsabilidades que incluem trabalho, cuidado e resistência.

A história de Neide da Silva representa a realidade de muitas mulheres invisibilizadas e essenciais na sociedade.

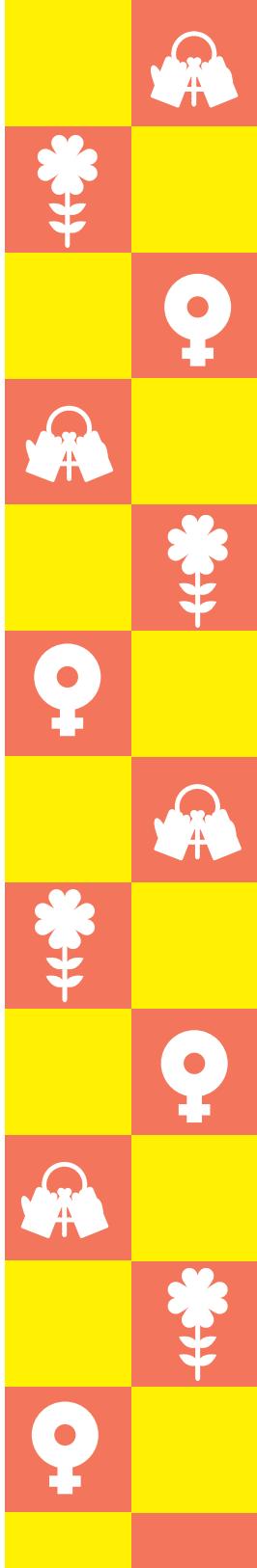


Além de mulher, Neide é mãe solo e trabalhadora da limpeza urbana. Sua trajetória, destacada pelo esforço cotidiano, evidencia a coletividade, em especial de sua comunidade, e a importância de valorizar, enxergar e dar visibilidade às diferentes formas de atuação e protagonismo feminino.

Sendo assim, reconhecer a trajetória de todas essas mulheres é afirmar que a participação feminina se revela nas casas, nas ruas e no serviço urbano. Trata-se de uma prática que promove uma sociedade mais equitativa.

Valorizar Neide da Silva é afirmar que a equidade começa com o reconhecimento de sua participação e contribuição para a sociedade – em que cada história importa e todas as vozes devem ser reconhecidas. Ademais, visibilizar sua história reforça que todas as mulheres devem ser lembradas não apenas por suas ações, mas pelo que representam.







4 ÁUREA DOS SANTOS: UM EXEMPLO DE MULHER NA CULTURA OLHO-GRANDENSE

Antes de falarmos sobre dona Áurea dos Santos, é importante fazermos uma breve contextualização a respeito da riqueza cultural do Brasil. A história do nosso País é marcada por uma grande diversidade de manifestações culturais, fruto da contribuição de diferentes povos – europeus, africanos e indígenas – que, juntos, formam a identidade cultural brasileira. Essa pluralidade se manifesta nas tradições, na música, na culinária, nas festas e em tantas outras expressões culturais presentes em cada região do Brasil. Apesar da história como um todo ser protagonizada por homens e mulheres, o papel feminino, muitas vezes, é invisibilizado.

Esse apagamento se deve à concepção da existência de uma essência feminina baseada na feminilidade que ditaria as funções da mulher na sociedade, que seriam unicamente voltadas à maternidade e ao cuidado do lar. Essa concepção se daria de acordo com a anatomia sexual da mulher, conforme podemos verificar nas palavras da psicanalista Maria Rita Kehl (2008, p. 48):





A feminilidade aparece aqui como o conjunto de atributos próprios a todas as mulheres, em função das particularidades de seus corpos e de sua capacidade procriadora; a partir daí atribui-se às mulheres um pendor definido para ocupar um único lugar social – a família e o espaço doméstico –, a partir do qual se traça um único destino para todas: a maternidade.

Em contrapartida, existe o exemplo da alagoana Áurea dos Santos, que, em entrevista, falou sobre sua vida, suas vivências como mulher e a sua relação com a mandiocada⁵, um costume que era muito comum em meio à comunidade do município de Olho d'Água Grande (ODG). Essa atividade coletiva tem origem com os povos tradicionais, dada a localização da cidade, no Baixo São Francisco alagoano, que tem como povos indígenas reconhecidos os Dzubucuá e os Kariri-Xocó.



A juventude da menina “Preta”

Áurea, apelidada como “Preta”, pelo fato de suas irmãs não saberem pronunciar seu nome, conta que passou a infância no Sítio Campinhos, interior de ODG, que atualmente não existe mais. Aprendeu a plantar mandioca e a fazer farinha, beiju e tapioca ainda criança, com os pais, e foi justamente nas mandiocadas que aprendeu a cantar o Piau⁶. Casou-se aos 23 anos com Fernando, com quem

⁵ Nome dado à prática coletiva de raspar mandioca para produzir farinha, muito comum em comunidades tradicionais.

⁶ Música cantada durante as mandiocadas, segundo informação obtida durante entrevista realizada com Áurea dos Santos, no dia 10 de abril de 2025, em sua residência.



compartilha mais de 50 anos de casamento e cinco filhos. Mudou-se do Sítio Campinhos para o povoado Piriri e, posteriormente, para a cidade de Olho d'Água Grande, onde reside atualmente.

A captura fotográfica a seguir foi realizada na sua residência:

Figura 6 – Entrevista com Áurea dos Santos



Fonte: Arquivo dos autores, 2025.

O Piau para os olho-grandenses

Piau é o nome dado às músicas cantadas nas farinhas-das, que consistia em uma espécie de disputa entre dois grupos para ver qual cantava de forma mais bonita e com os versos mais criativos. O nome vem do peixe piau. Além disso, também era nomeado Piau um litro de bebida, muitas vezes



não alcoólica, todo decorado como as roupas dos guerreiros do Reisado e com um peixe desenhado no pescoço da garrafa, que só era consumido no final da mandiocada.

Conforme afirma a escritora Geraldina Cavalcante da Silva (2013, p. 59):

Na véspera, elas fazem um piau e pegam uma garrafa de bebida toda enfeitada de fita de papel de seda (diversas cores). Sempre quando terminavam de raspar, comiam e bebem (a bebida é batida de limão ou vinho ou qualquer outra).

Dona Preta também conta como as mandiocadas uniam sua comunidade, uma vez que, se ela ia à mandiocada de alguém, essa pessoa também ia à dela, e assim acontecia sucessivamente com todas as pessoas no município que tinham plantação de aipim. Depois de todo o trabalho de raspagem, havia uma panelada de comida, galinha, toucinho. Era um divertimento para a comunidade, como disse Áurea: “Não era tristeza, era alegria!”⁷.



A mandiocada e a música do Piau cantada

Mandiocada é o nome popular dado à farinhada, processo de fazer farinha de mandioca. O lidar com a mandioca se inicia na estação seca, com a queima e a limpeza do terreno da roça, sendo uma atividade familiar em que o pai, a mãe e os filhos se unem para plantar e cuidar.

⁷ Todas as informações entre aspas sobre a vida de Áurea dos Santos foram obtidas por meio da entrevista em sua residência, no dia 10 de abril de 2025.



Quando as raízes de aipim estão crescidas, são arrancadas pelos homens e levadas à casa do/a dono/a das macaxeiras. Em seguida, tem início a mandiocada, processo de raspagem normalmente feito pelas mulheres em um espaço específico, designado como “casa de farinha”, que abriga as ferramentas utilizadas nesse processo. Cada casa de farinha, local onde são desenvolvidas relações entre indivíduos (Fraxe, 2004), é compartilhada por várias famílias. Nelas, a mandioca é passada em um ralador (o caititu); em seguida, a massa é espremida na prensa. Quando seca, é peneirada, depois escaldada, peneirada novamente e, por fim, torrada.

Mandioca, macaxeira ou aipim: uma tradição dos povos originários praticada até os dias de hoje, que se espalhou pelo mundo a partir de Portugal e suas colônias, sendo considerada o alimento do século XXI pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Aurea é conhecida por ter sido uma das cantoras mais famosas nas mandiocadas de sua região. A nosso pedido, ela cantou um pequeno trecho de uma música cantada quando a produção da farinha já estava acontecendo:

Peguei um peixe
Nas ondas do mar
Água balou
Nas ondas do mar.
Você diz que me quer bem
Nas ondas do mar,
Mas bem eu quero a você
Nas ondas do mar.

Eu quero por toda a vida
Nas ondas do mar,





E você quando me vê
Nas ondas do mar. [...]

A mandioca na cultura indígena e a perda da cultura

O nome mandioca tem origem na língua tupi-guarani e significa “Mani-oca”, ou seja, “casa de Mani”, em referência a Mani, uma menina indígena que, segundo as lendas, era filha de um pajé e faleceu ainda criança.

Cultivada há mais de quatro mil anos, a mandioca é considerada um alimento sagrado pelos povos indígenas. Sua origem está ligada a um dos mitos tupis mais conhecidos do folclore brasileiro. Conta-se que, após a morte de Mani, seu corpo foi enterrado dentro da oca. No local onde ela foi sepultada, brotou uma planta de raízes brancas, da mesma cor da pele da menina, dando origem à mandioca – alimento que passou a sustentar todo o povo.

Além de ser a base da alimentação cotidiana nas aldeias, a mandioca tem um papel importante em rituais sagrados, como o batismo. Um exemplo é o berarubu, um bolo de mandioca com carne preparado com folhas de bananeira e assado debaixo da terra. Esse prato tradicional é servido em grandes quantidades para toda a comunidade, reforçando o valor simbólico e coletivo do alimento (Castro, 2023).

Ao ser perguntada sobre a continuidade da cultura da mandiocada, dona Preta assumiu com pesar que acha muito estranha a perda dessa tradição – que, no passado, foi grande fonte econômica, cultural e de lazer em seu município.





Elá também nos contou que, em uma conversa com uma professora que havia perguntado se ela só havia trabalhado com roça, respondeu:

O mesmo prazer que vocês têm de se sentar em um birô pra ensinar, pra fazer as coisas de vocês, é o mesmo prazer que a gente tem de tá na roça. Porque hoje você planta, quando for amanhã, na base de 30 dias ou mais de 30 dias, o milho tá bem assim... O feijão todo nascido, você limpa, aí demora uns dias, quando chega aí, que tá grande, aí amadurece o milho e arranca o feijão, e naquele tempo plantava arroz também, o batia, cortava e via as mandiocadas. Era um futuro, era meio mundo de gente.

É perceptível a fragmentação de diversas tradições culturais que já foram fundamentais para a humanidade. Segundo Hall (2006, p. 09),

Para aqueles/as teóricos/as que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando novas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.





Com a modernização mundial e a globalização, é perceptível que diversos conceitos e ideais do que seriam cultura e identidade cultural estão se perdendo e se apagando, resultando no esquecimento de tradições como a mandio-cada e a música do Piau, entre outras.

A vida escolar

Sobre sua vida escolar, Áurea nos contou que seu primeiro contato com a educação foi na casa de uma professora na Sucupira⁸, povoado de ODG, mas a docente tinha muitos filhos, que ficavam chorando, e, em vez de focar em seus estudos, dona Preta ia e ficava cuidando dos filhos da mestra.

Depois, estudou em uma instituição chamada “Escola Radiofônica”, onde cada professora tinha um rádio e, ao chegar à sala, ligava-o; outra professora dava aula pelo rádio, a começar cumprimentando as turmas, passando os comandos em seguida.

Mesmo tendo estudado pouco, Áurea apreendeu a escrever seu nome e os números. Nas eleições, ela faz questão de exercer seu direito na hora de escolher um representante para garantir saúde, segurança e liberdade.



A maternidade de Áurea

Dona Preta tem cinco filhos: quatro biológicos e um adotivo. Ela sempre os criou acreditando na importância de ser um exemplo para eles, fazendo o certo. Apesar de não

⁸ Povoado de São Brás, Alagoas.



ter tido muitas oportunidades de estudo, Áurea fez questão de que seus filhos estudassem, em especial as mulheres, Gracinha e Márcia – que, quando crianças, saíam a cavalo do Piriri, zona rural de ODG, até a cidade para ir à escola. Hoje em dia, elas trabalham no posto de saúde. Seu filho Ernandes já morou por muito tempo em São Paulo, porém, atualmente, voltou para Alagoas e está perto dos pais. O outro filho, Vagno, é concursado no cargo de gari.

Seu filho adotivo, conhecido como Júnior, tem uma história curiosa e comovente. Ele era filho do pai de dona Áurea, mas sua mãe biológica não quis criá-lo. Quando tinha apenas nove meses, foi entregue ao pai, que então pediu a uma mulher que o levasse até Áurea. Ao receber o menino, ela pensou que fosse filho da mulher que o trouxe e perguntou: “E esse menino?”. A mulher respondeu: “É do seu Zezinho, ele mandou lhe trazer”. Áurea ainda questionou: “E qual é o nome dele?”. A mulher respondeu: “Isso, eu não sei”. Dona Preta sempre achou o nome “Júnior” muito bonito, então passou a chamá-lo assim.

Mais tarde, seu Zezinho levou a certidão de nascimento da criança, mas o nome estava ilegível, parecendo ser “Aenilso”. Durante anos, foi assim que ele foi chamado oficialmente, embora nunca tivesse gostado. Somente quando foi tirar os documentos para votar, descobriram o correto: “Denilso”. Júnior ficou muito feliz com a descoberta, pois finalmente deixou para trás o nome que nunca apreciou.



O que é ser mulher forte?

Ao ser perguntada sobre o que é ser uma mulher forte e se se considera assim, Áurea disse que sim, é uma mulher forte, que é aquela que gosta das suas coisas certas, que não tem medo de ir a lugar nenhum e que traz consigo seu nome. Ela é a representação de Áurea – que, segundo o Dicionário de Nomes Próprios, significa “mulher de ouro” –, nunca teve medo de enfrentar as adversidades que a vida pudesse apresentar, sempre trabalhando para conquistar seu sustento.

Conforme afirma Michael Hennessey⁹, especialista na divisão de competitividade, tecnologia e inovação do BID: “Às vezes se esquece de que as mulheres são empreendedoras por natureza, que precisam ser empreendedoras para cuidar da família e gerar renda”.

Áurea é um exemplo de cultura viva. Por isso, torna-se indispensável falar sobre ela e suas contribuições culturais para a comunidade em que está inserida, para que a mandiocada continue viva na memória de todos os que ouçam suas histórias ou escutem as músicas. Que sua vivência inspire outras mulheres, já que, apesar das dificuldades que enfrentou, dona Preta continua a acreditar que o importante é “ser feliz, que ser triste é ruim demais”, e leva consigo que “quem canta, os males espanta”.

É possível conferir dona Áurea cantando no seguinte:

⁹ Informação retirada da entrevista publicada pela revista *El País* em 25 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-02-25/as-mulheres-que-cultivam-mandioca-no-suriname-para-vende-la-nos-paises-baixos.html>. Acesso em 10 de abril de 2025.





Piau

Eu vi o piau nadando,
Piau nadando, piau nadô.
Eu vi o piau nadando,
Se embalançando pra meu amor.

Menino dos três, menino,
Todos os três eu quero bem.
Um é mais do que o outro,
O outro mais do que ningüém.

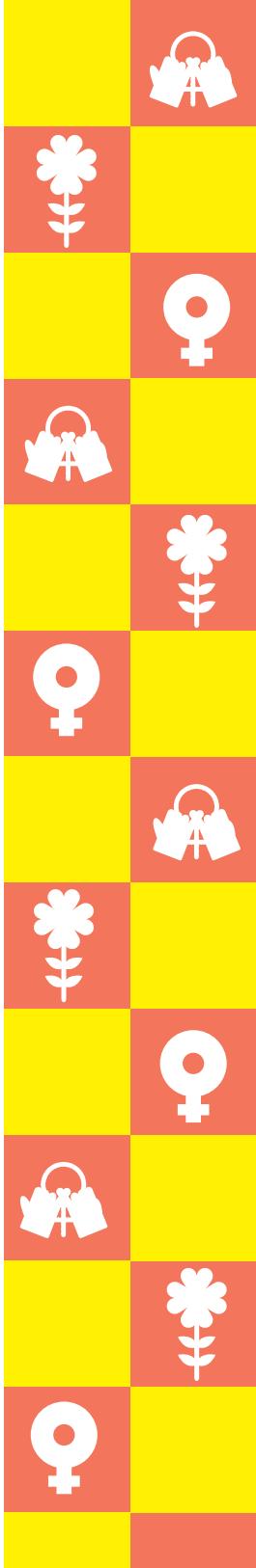
Eu vi o piau nadando,
Piau nadando, piau nadô.
Eu vi o piau nadando,
Se embalançando pra meu amor.

Se o olho d'água fosse meu,
Eu mandava ladrilhar,
De pedrinha diamante,
Só pra ver vocês passar.

Eu vi o piau nadando,
Piau nadando, piau nadô.
Eu vi o piau nadando,
Se embalançando pra meu amor¹⁰.



¹⁰ Música do Piau interpretada por Áurea durante a entrevista.





5 EDUCAÇÃO E INSPIRAÇÃO: MULHERES EDUCADORAS DE OLHO D'ÁGUA GRANDE

Ao falar sobre a trajetória feminina, em especial na educação, denota-se muita força de vontade e determinação. Falar das adversidades de ser mulher em uma sociedade histórica e, ao mesmo tempo, contemporânea é uma tarefa árdua, mas não é impossível.

É de tamanha necessidade reconhecer que a mulher educadora, mãe, esposa e filha também faz parte da construção da nossa história e é base para o desenvolvimento de muitas mentes brilhantes que percorrem o mundo. Com o passar do tempo, elas foram drasticamente invisibilizadas, esquecidas e silenciadas, conforme afirma Costa (2018, p. 62):

A mulher era educada fora do espaço formativo escolar, uma educação forjada em cultura excludente e estigmatizada. Os saberes que constituíam o currículo da filha, esposa, dona de casa, estavam vinculados aos conhecimentos tradicionais da mãe. A educação religiosa era o único saber ofertado à mulher, como forma de dominação do corpo, dos gestos, da vida.





Na atualidade, com todas as facilidades do âmbito contemporâneo, precisamos valorizar as grandes figuras que nos moldam como pessoas intelectuais e que nos aconselham a seguir caminhos certeiros diariamente, pois não foi um processo rápido até elas conseguirem exercer de forma digna seus cargos na área educacional.

A exemplo disso, trago algumas figuras olho-grandenses que tiveram e têm uma renomada contribuição na educação do município, demonstrando o valor feminino na transformação social a partir do sistema educacional.

Anália Tenório: o início de uma história

Originária de Garanhuns (PE), Anália Tenório Cavalcante de Albuquerque veio para Olho d'Água Grande e exerceu o cargo de primeira professora multidisciplinar da cidade. Sua atuação foi de tamanha importância que, atualmente, a escola estadual da cidade é nomeada em sua homenagem.

Anália foi uma mulher de grande influência no município e deixou em seu legado a fama de uma pessoa amável e comunicativa, respeitada por todos por sua inteligência. Casou-se e construiu sua família em ODG, onde teve uma loja de tecidos e roupas junto ao marido e, formada, implantou a educação do 1º ao 5º ano do ensino fundamental na cidade. Todos esses fatos foram registrados no livro da municípe Geraldina Cavalcante (2013, p. 85-86):

Em 1922, foi nomeada uma professora do estado pelo governador do daquela época. Seu nome era Anália Tenório Cavalcante, que veio





de São Brás. Era uma moça muito bonita, que se casou com um rapaz chamado Aristides Nascimento. Ela lecionava na sua residência.

As informações acerca da vida de Anália são escassas e, algumas, controversas. Isso se deve ao grande intervalo de tempo desde que ela esteve na cidade; porém, sua contribuição é, e sempre será, uma herança para a população. Na entrevista¹¹ com suas netas, uma delas afirma que, quando questionada sobre sua vinda a Olho d'Água Grande, a professora respondeu: “São coisas do destino, eu não vim por querer. Cheguei aqui, me ambientei com as pessoas de bem”.

O destino escolheu Anália para dar o primeiro passo na área educacional e inspirar a chegada das futuras professoras da cidade. Essas informações foram obtidas por meio da entrevista onde foi feito o registro fotográfico a seguir:

Figura 7 – Entrevista com a neta de Anália Tenório



Fonte: Arquivo dos autores, 2025.

¹¹ Entrevista realizada com Marlene e Marli, netas de Anália Tenório, na residência delas, no dia 14 de abril de 2025.



Luzilânia Bispo: a sabedoria de uma mulher visionária

Mais conhecida como Lânia, Luzilânia Bispo, atual articuladora de ensino da Escola Estadual Anália Tenório, é uma mulher de grande contribuição na atualidade educacional do município. Teve o primeiro contato com a educação quando criança, em brincadeiras de interpretar, e, ainda na adolescência, surgiram oportunidades de trabalhar na educação.

Durante a entrevista¹², Lânia expôs uma realidade daquela época: “A gente não tinha tantas visões de futuro em outras profissões, porque tudo era muito distante. Em [19]85, [19]86 até [19]90, ninguém sabia o que era uma universidade, criança principalmente”. A articuladora de ensino acrescentou que não apenas ela, mas a maioria das pessoas da sociedade de ODG estudava para ser professor/a, justamente pela falta de possibilidades em outras áreas.

Luzilânia era uma menina sonhadora e repleta de força para conquistar o que sonhava. Ela descobriu em si o amor pelo inglês e tinha planos de virar aeromoça, por ser uma profissão que tem uma grande utilização dessa língua; porém, teve receio de viver nas alturas¹³ e seguiu carreira como professora, pois, segundo ela, de qualquer modo, iria trabalhar com a língua inglesa.

Entre os 16 e os 17 anos, Lânia atuou em diversas escolas da região. Foi aprovada no concurso do município em

¹² Entrevista realizada com Luzilânia Bispo na Escola Estadual Anália Tenório, no dia 10 de abril de 2025.

¹³ Viver nas alturas: expressão utilizada pela entrevistada para se referir ao trabalho como aeromoça em aviões.





2011 e, posteriormente, em 2014, passou no certame do estado, tornando-se professora da rede estadual de ensino. Ao responder à indagação sobre os desafios de ser mulher e professora, ressaltou:

Os maiores desafios como mulher partem do princípio histórico, cultural e até mesmo social. A mulher, ela precisa ser múltipla, ela precisa ser polivalente. A gente precisa ter responsabilidade e compromisso com a profissão, com o ensino, mas também tem toda uma vida por trás disso.

A seguir, apresentamos o registro fotográfico da entrevista com Luzilânia.



Figura 8 – Entrevista com Luzilânia Bispo



Fonte: Arquivo dos autores, 2025.



Durante sua formação, Luzilânia casou e teve dois filhos. Jamais cogitou desistir por causa disso; diz que foi mais difícil, porém, conseguiu conciliar. Ela destacou que ser realizada não é apenas namorar ou casar com alguém que você ama, porque os casamentos e os namoros acabam, mas você é responsável por construir sua trajetória e pela sua individualidade.

Lânia complementou:

Pelo fato de eu ter tido um filho apenas com o ensino médio completo, não existe essa palavra, “perdida”; pelo contrário, eu mesma, sozinha, entendia que o fato de eu ter tido um filho me cobrava mais ainda a aprender e a estudar, porque ter filho é também ter gastos financeiros. Então, eu sabia que quanto mais eu estudasse, melhor seria o meu emprego e melhor seria o meu salário, e, em consequência, uma melhor vida eu poderia dar a eles.



Além disso, a professora de inglês afirmou que toda a sua garra como mãe e profissional inspirava suas alunas que engravidavam na adolescência a continuar buscando suas próprias trajetórias de vida por meio da educação. Lânia relatou uma cena marcante acerca disso, ocorrida no ano de 2014, quando ensinava uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ela afirma que, ao entrar na sala de aula, deparou-se com duas mulheres com cestas de bebês, que estavam lá para estudar junto aos filhos, sem desistir da formação acadêmica por conta da maternidade.



Por fim, deve-se ressaltar que Lânia se tornou uma figura multifacetada na área: professora, articuladora, pós-graduada em língua inglesa, com diversas especializações, uma delas feita na Inglaterra – e, ainda mais, uma munícipe que aprecia a história de sua cidade e que, em breve, irá publicar um livro de sua autoria sobre o município de Olho d'Água Grande, demonstrando, assim, até onde a educação é capaz de levar as pessoas.

Logo, é perceptível o quanto histórias e relatos como os de Luzilânia devem ser explanados. São palavras ricas em sabedoria e encantamento pela educação e pelo bem social a partir dela; são palavras de uma mulher realizada consigo e com sua carreira, uma mulher que constrói sua própria trajetória diariamente.



Cristina Bóia: amor além da profissão

Pedagoga, articuladora, coordenadora, secretária da Educação, gerente regional e gestora, Maria Cristina Bóia, original de Olho d'Água Grande e estudante da Escola Estadual Anália Tenório, possui uma rica trajetória não apenas em cargos, mas repleta de amor ao desenvolvimento de seus alunos.

Apresentamos, a seguir, a fotografia dessa mulher inspiradora, cuja caminhada é objeto de estudo em nossa pesquisa.



Figura 9 – Maria Cristina Bóia do Nascimento Araújo



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.



Em sua infância, Cristina foi uma menina recatada, cheia de talentos, mas a insegurança por ser baixinha e ter voz mansa a impedia de explanar toda a sua inteligência. Adentrou na área da docência ainda adolescente, como substituta de uma irmã, sem muitas expectativas, pois acreditava ser da área de contabilidade. Porém, ao começar a ter contato com as oportunidades de concursos, Cristina viu em si potencial e motivação para seguir carreira, afirmando ter se apaixonado pela educação porque acreditava no poder da transformação que ela poderia fazer em sua vida, como dito durante a entrevista¹⁴: “É através da educação

¹⁴ Entrevista realizada com Cristina Bóia na Escola Estadual Anália Tenório, no dia 07 de abril de 2025.



que a gente consegue vencer as batalhas”. Assim, graduou-se em Pedagogia, participou da formação de outros professores na cidade e fez pós-graduação em Filosofia.

Além disso, durante sua formação, Cristina também era mãe e esposa e enfrentou desafios pela sua escolha. Ela afirma não ter visto dificuldade, como mulher, para adentrar na educação em ODG, mas sim para ser mãe e educadora: “Eu tinha que me dividir entre trabalho, [ser] esposa, mãe e dona de casa”. A educadora acrescentou: “Esse foi um desafio, como ser uma boa mãe e uma boa profissional? Pois o trabalho é importante, mas os filhos são mais ainda”.

Apesar das dificuldades, Cristina seguiu carreira e se tornou uma mulher realizada profissionalmente e plenamente realizada em sua vida pessoal. Ela conseguiu conciliar as responsabilidades profissionais e pessoais, refletindo em seu presente seus sonhos e desejos de criança, buscando, cada dia mais, ser melhor para o seus, afirmando que “A educação não é apenas transmitir o conhecimento, mas é a gente se doar e fazer o bem e despertar no outro o lado bom, despertar o amor no próximo, o amor fraternal”.

Cristina também relatou que muitos de seus alunos veem na escola o lar que não possuem em casa, o refúgio, e fez a seguinte indagação: “Como é que a escola tem esse poder de transformar?”. Ela mesma respondeu, afirmando que é quando a escola encontra profissionais que têm um olhar atento para essas questões – profissionais como a própria Cristina Bóia, oriunda de um pequeno município de Alagoas, gestora escolar, que busca, cada dia mais, revolucionar a educação e impulsionar as conquistas de seus



alunos. Mulheres como ela são fontes de inspiração para as novas gerações e merecem o devido valor não como forma de se sobressair, mas como meio de reescrever a história das mulheres.

Além disso, escrever a História das Mulheres, reconhecendo sua historicidade, atende à carência de todo ser humano de localizar-se em seu tempo, de “orientar-se em meio à mudança que experimenta em seu mundo e em si mesmo”, como defende Rüsen (2001, p. 11), e também em meio a algumas permanências, pois elas igualmente compõem o tecido histórico. Como tais, precisam ser historicizadas, retiradas da “ordem natural das coisas”, desnaturalizadas e localizadas como criações humanas.

Atualmente, Cristina afirma ser uma pessoa orgulhosa da capacidade de sua profissão e diz que, para exercê-la bem, nunca precisou se engrandecer: “O sentimento mesmo é de estar sentada na plateia, vendo vocês sendo os protagonistas na vida de vocês, e vejo muitos alunos que já saíram daqui tendo sucesso, isso é importante”. Ela completou: “Enquanto eu estiver aqui, que eu continue acreditando no poder transformador da educação, porque eu vejo muitos colegas já não acreditarem mais”.

Ao responder às perguntas sobre a Cristina fora da escola, como mulher presente na sociedade, ela afirma ter planos de entrar em projetos sociais para ajudar as pessoas de sua comunidade. Atualmente, está se doando na escola, mas tem vontade de fazer um trabalho social, sem fins lucrativos, para a comunidade de ODG e quer encontrar pessoas que tenham esses mesmos pensamentos, pois, se-



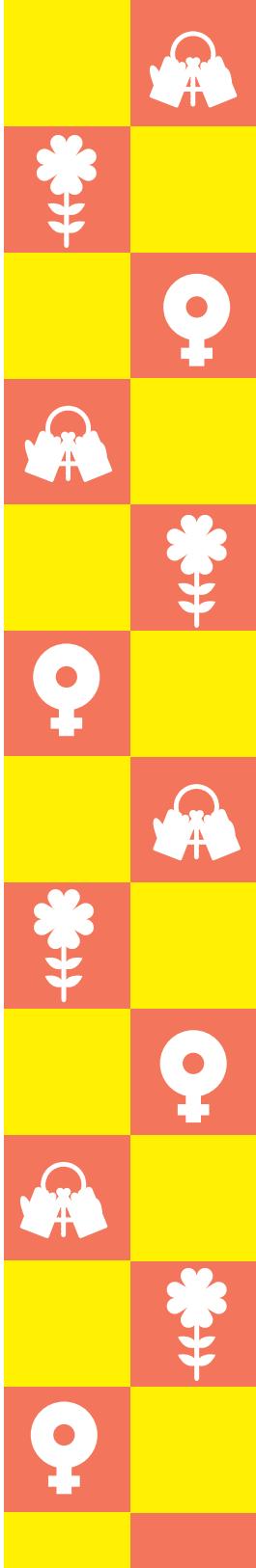


gundo ela, não é fácil achar quem queira trabalhar de graça, “mas a gente veio ao mundo para servir, a gente precisa ser bom para com o outro”.

Por fim, a pedagoga definiu a si mesma, relatando: “Eu, Cristina, eu me vejo assim, uma mulher que vive a vida de uma forma simples, uma mãe de família, que as prioridades dela são os filhos e a família, e junto a isso vem o meu trabalho, o meu sustento”.

Logo, percebe-se que Olho d’Água Grande é uma cidade pequena, porém rica em belas histórias de superação feminina. Esse pequeno município está repleto de grandes mulheres em sua formação educacional – elas apenas não eram devidamente conhecidas. Por isso, é necessário agir sobre os estigmas sociais, iniciando a transformação de uma história que desprezava e escondia as contribuições femininas.







6 VIVÊNCIA NO SINPETE E NO LABMENT:

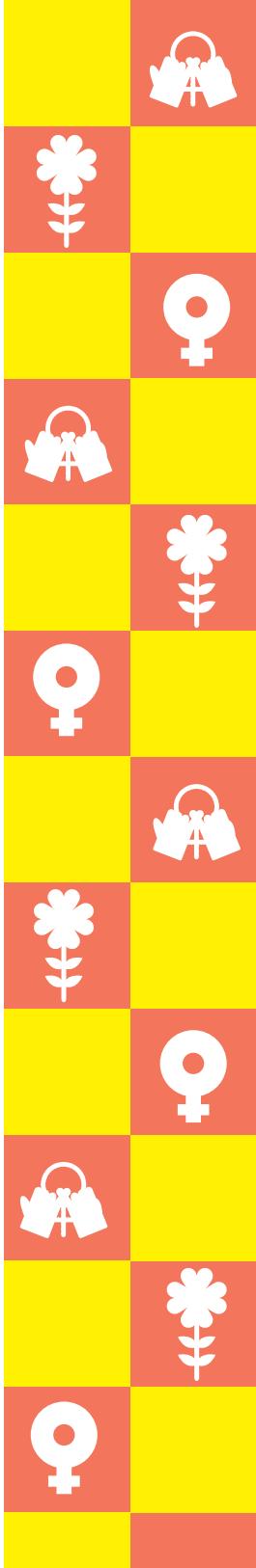
APRENDIZADOS PARA A PESQUISA E A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A participação no Sinpete e no Laboratório de Mentoria (LabMent) foi uma experiência profundamente enriquecedora para o desenvolvimento do nosso projeto e para a nossa formação como jovens pesquisadoras.

Em ambos os processos, tivemos a oportunidade de interagir com mentores, outros projetos e diferentes equipes, o que possibilitou uma valiosa troca de experiências e ampliou nossa compreensão sobre a prática da pesquisa científica. Durante esse percurso, desenvolvemos habilidades essenciais, como a comunicação em público, o trabalho colaborativo e a busca por soluções para questões sociais, além de fortalecer o nosso interesse pela pesquisa e o desejo de contribuir para a superação de estereótipos e desigualdades.

Tanto o Sinpete quanto o LabMent nos proporcionaram aprendizados que, geralmente, só são vivenciados no ambiente universitário, como a escrita científica, o pensamento crítico e o despertar da curiosidade por novos temas e campos do conhecimento.







CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, foi possível perceber a importância das mulheres de Olho d'Água Grande na construção da identidade cultural, social e afetiva do município. Suas histórias, muitas vezes invisibilizadas pela narrativa oficial, revelam trajetórias de força, resistência, sabedoria e amor pela comunidade. Ao resgatar essas vivências, contribui-se não apenas para preservar a memória local, mas também para reconhecer o papel ativo e transformador que essas mulheres desempenham no cotidiano.

A valorização dessas trajetórias vai além do simples registro histórico: trata-se de um ato de justiça e reconhecimento. Ao dar visibilidade às vozes femininas locais, reforçamos a importância de uma educação que respeita as diferenças, promove a igualdade de gênero e incentiva o protagonismo de meninas e mulheres, especialmente em contextos historicamente marcados pela exclusão.

Além disso, este trabalho dialoga diretamente com os princípios defendidos pelo Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 (ODS 5), da Agenda 2030 da ONU, que visa alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulhei-





res e meninas. Iniciativas como esta representam um passo significativo rumo a uma sociedade mais justa, inclusiva e consciente da riqueza presente em sua própria história.

Conclui-se, portanto, que conhecer e valorizar as mulheres de Olho d'Água Grande é essencial não apenas para fortalecer a memória coletiva, mas também para inspirar novas gerações a lutar por respeito, igualdade e dignidade. Que suas histórias continuem sendo contadas, lembradas e celebradas como parte fundamental da identidade do município e do Brasil.

Esta produção representa um passo importante na valorização da memória e do protagonismo feminino em Olho d'Água Grande. Esperamos que ele inspire outras iniciativas de pesquisa, ampliando o olhar sobre a contribuição das mulheres na história local.

No futuro, pretendemos aprofundar as narrativas e estimular a criação de espaços de preservação da memória. Que este livreto sirva como ponto de partida para novas ações educativas, fortalecendo a identidade cultural e promovendo a igualdade de gênero por meio da educação.





REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Augusto Andrade. **Mãe solo no mercado de trabalho.** São Paulo: Centro Paula Souza, 2023.

AUAD, Daniela; CORSINO, Luciano. Feminismos, interseccionalidades e consubstancialidades na Educação Física Escolar. **Rev. Estud. Fem.**, v. 26, n. 1, p. 1-13, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/PhXvnvjSpRwf6vnmRskBmVD/?lang=pt>. Acesso em: 04 maio 2025.



BRASIL, Wesley. Mandioca: uma herança dos povos originários. **Invivo**, 19 ago. 2023. Disponível em: <https://www.invivo.fiocruz.br/historia/mandioca-povos-originarios>. Acesso em: 14 abr. 2025.

CÂMARA MUNICIPAL DE OLHO D'ÁGUA GRANDE. **Hino municipal**. Disponível em: <https://olhoguagrande.al.leg.br/hino-municipal>. Acesso em: 04 maio 2025.

COSTA, Dhemersson Warly Santos; SANTOS, Maria das Graças Moura. A mulher na educação: um caminho de pedras. **Revista Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 6, n. 1, p. 59-66, jan.-jun., 2018.



DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. Áurea. Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/aurea>. Acesso em: 17 abr. 2025.

FRAXE, Therezinha P. **Cultura cabocla-ribeirinha**: mitos, lendas e transculturalidade. São Paulo: Annablume, 2004.

FUNAI. Assessoria de Comunicação. Agricultura: a importância da cultura da mandioca para os indígenas Apurinã. [gov.br](https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/agricultura-a-importancia-da-cultura-da-mandioca-para-os-indigenas-apurina), 09 set. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/agricultura-a-importancia-da-cultura-da-mandioca-para-os-indigenas-apurina>. Acesso em: 12 abr. 2025.



FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. Mões solo no mercado de trabalho crescem em 1,7 milhão em dez anos. **Portal FGV**, 2023. Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/maes-solo-mercado-trabalho-crescem-17-milhao-dez-anos6>. Acesso em: 16 abr. 2025.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guaciara Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO DE TERRAS E REFORMA AGRÁRIA DE ALAGOAS (ITERAL). **Povos indígenas reconhecidos**. Disponível em: <https://www.iteral.al.gov.br/gpaf-gerencia-de-politica-agraria-e-fundiaria-1/assessoria-tecnica-dos-nucleos-quilombolas-e-indigenas-astnqi/povos-indigenas/povos-reconhecidos>. Acesso em: 12 abr. 2025.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Sobre história e historiografia das mulheres. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 31, n. 1, jan./jun. 2018.



OLIVEIRA, Mariana; OLIVEIRA, Alda Maria. Farinhada das Mulheres: o evento que empodera mulheres indígenas por meio de subprodutos derivados da mandioca. **Conselho Indigenista Missionário**, 2022. Disponível em: <https://cimi.org.br/2022/11/farinha-das-mulheres-empodera-mulheres-indigenas-por-meio-da-mandioca>. Acesso em: 15 abr. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Agenda 2030: transformando o nosso mundo – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 5: alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas**. Disponível em: <http://brasil.un.org/pt-br/sdgs/5>. Acesso em: 24 fev. 2025.

ORTEGA, Javier Sulé; SANZ, Marta Sanz. As mulheres que cultivavam mandioca no Suriname para vendê-la nos Países Baixos. **El País**, 25 fev. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-02-25/as-mulheres-que-cultivam-mandioca-no-suriname-para-vende-la-nos-paises-baixos.html>. Acesso em: 15 abr. 2025.



QUEDNAU, Fernanda Sutoff. **O conflito entre a maternidade e o trabalho na mulher pós-moderna**.

Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2678/2/20434780.pdf>. Acesso em: 01 de junho de 2025.

RODRIGUES, Paulo Jorge et al. **O trabalho feminino durante a Revolução Industrial**. São Paulo: Unesp, 2015.

SILVA, Geraldina Cavalcante da. **Olho d'Água Grande: memórias de uma cidadã**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2013.



VAN VELTHEM, Lucia Hussak; KATZ, Esther. A “farinha especial”: fabricação e percepção de um produto da agricultura familiar no vale do Rio Juruá, Acre. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas**, Belém, v. 7, n. 2, p. 435-456, maio-ago. 2012.

VAN VELTHEM, Lucia Hussak; KATZ, Esther. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas**, Belém, v. 7, n. 2, p. 435-456, maio-ago. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/sZ83pJCxQkL97nFqQnBPwxG/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 17 abr. 2025.

VIEIRA, Milla Maria de Carvalho Dias; MOREIRA, Ana Cleide Guedes. Ideais culturais e o tornar-se mulher: a cultura na constituição da feminilidade. **Trivium**, Rio de Janeiro , v. 12, n. 1, p. 14-28, jun. 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912020000100003&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 12 abr. 2025.

WR EDUCACIONAL. **O papel do gari na sociedade**: um herói invisível. Disponível em: <https://www.wreducacional.com.br/blog/o-papel-do-gari-na-sociedade-um-heroi-invisivel#introducao>. Acesso em: 18 abr. 2025.



Nota: No processo de preparação desta publicação, os(as) autores(as) podem ter recorrido, em determinados momentos, a ferramentas de Inteligência Artificial disponibilizadas pela OpenAI, empregadas exclusivamente para fins de revisão de linguagem, aprimoramento da fluidez textual e ajustes de estilo. Importa esclarecer que tais recursos não substituem a autoria intelectual, sendo toda a concepção, fundamentação, análise e conclusões de responsabilidade integral dos(as) autores(as), que respondem pelo rigor científico, ético e acadêmico desta obra.



SOBRE OS/AS AUTORES/AS E ORGANIZADORAS



José Winícios Santos da Silva | Mentorado

Mestrando em Ensino de Letras Estrangeiras Modernas (PPGLES/UFS). Especialista em Linguagens, Suas Tecnologias e Mundo do Trabalho (UFPI) e Língua Portuguesa e Literatura Aplicada ao Ensino (FSG). Graduado em Letras Português e Espanhol (Cues). Docente da Secretaria de Educação de Alagoas (Seduc/AL). Professor orientador do Projeto Mulheres em Alagoas: desafios para a valorização da figura feminina na formação cultural, apresentado no Sinpete/Ufal 2024.

Também participou como mentorado do Laboratório de Mentoria (Lab-Ment), promovido pelo Programa Sinpete – Ciência e Inovação na Educação Básica, que resultou na produção e publicação deste livro. E-mail: winicios.santossilva7688@professor.educ.al.gov.br





Ana Julia Simão dos Santos | Mentorada

Estudante do 3º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Anália Tenório. Pesquisadora do projeto Pibic Jr. Nomeio, Logo Habito (2023/2024). Vencedora do 1º Concurso de Redação da Promotoria de Justiça de Porto Real do Colégio e classificada em 1º lugar no Ensino Médio no Concurso de Redação da Operação Cisne Branco, realizado em Penedo (AL). Foi selecionada para o programa de intercâmbio Daqui pro Mundo, promovido pelo Governo de Alagoas. É integrante do projeto Mulheres

em Alagoas: Desafios para a Valorização da Figura Feminina na Formação Cultural, apresentado no Sinpete/Ufal (2024). Também participou como mentorada do Laboratório de Mentoría - LabMent (2024-2025), promovido pelo Programa Sinpete – Ciência e Inovação na Educação Básica, que resultou na produção e publicação deste livro.



Laís Pereira da Silva | Mentorada

Estudante do 3º ano do ensino médio na Escola Estadual Anália Tenório. Bolsista do Pibic Júnior Rumo à OBA em 2024. Integrante do Pibic Júnior Matemática em Movimento em 2025. Integrante do Projeto Mulheres em Alagoas: desafios para a valorização da figura feminina na formação cultural de Olho d'Água Grande (AL), com apresentação na semana do Sinpete/Ufal 2024. Também participou como mentorada do Laboratório de Mentoría - LabMent (2024-2025)





do Programa Sinpete - Ciência e Inovação na Educação Básica, que resultou na produção e publicação deste livro.



Maria Clara Tavares de Lira | Mentorada

Estudante do 3º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Anália Tenório. Bolsista do PIBIC Jr. Rumo à OBA (2023/2024) e, atualmente, bolsista do projeto PIBIC Jr. Matemática em Movimento: Desafios Olímpicos em Olho d'Água Grande (2025). Conquistou a medalha de bronze na Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica (2024). É integrante do projeto Mulheres em Alagoas: Desafios para a Valorização da Figura Feminina na Formação Cultural, apresentado na semana do Sinpete/Ufal

(2024). Também participou como mentorada do Laboratório de Mentoria - LabMent (2024-2025), promovido pelo Programa Sinpete – Ciência e Inovação na Educação Básica, que resultou na produção e publicação deste livro.



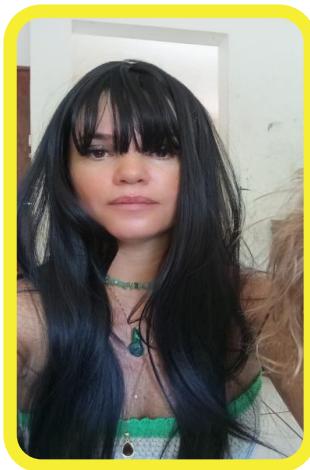
Mariany Kétily Costa André | Mentorada

Estudante do 3º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Anália Tenório. Participante do Pibic Jr. Nomeio, Logo Habito (2023/2024) e, atualmente integra o Pibic Jr. Matemática em Movimento: desafios olímpicos em Olho d'Água Grande (2025). Foi premiada no Concurso de Redação Cisne Branco (2024) e é integrante do Projeto Mulheres em Alagoas: desafios para a valorização da figura feminina na formação cultural,





apresentado na semana do Sinpete/Ufal (2024). Também participou como mentorada do Laboratório de Mentoría - LabMent (2024-2025), promovido pelo Programa Sinpete - Ciência e Inovação na Educação Básica, que resultou na produção e publicação deste livro.



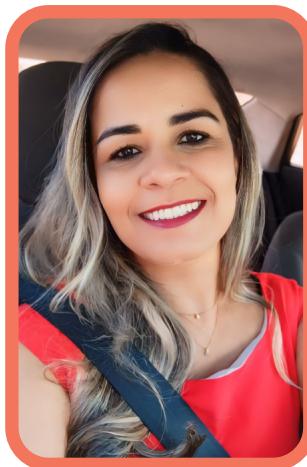
Vanuza Souza Silva | Mentorá científica

Agraciada em 1º lugar no 6º Prêmio Nacional Construindo Igualdade de Gênero, na categoria Mestre e Estudante de Doutorado, com o artigo Lourdes Ramalho: performances de gênero na dramaturgia nordestina (2010). Historiadora e jornalista profissional com registro 2520 e matrícula 26300. Doutora em História (UFPE). Mestre em Sociologia e licenciada em História (UFCG). Graduada em Comunicação Social (UEPB). Pesquisadora das áreas de gênero, feminismos e estudos das mulheres; história, memória e comunicação; história e memória institucional; história e memória das organizações; estudos indígenas; história das lideranças campesinas femininas; história, comunicação e biografias.

Professora do curso de Relações Públicas da Ufal, Campus A. C. Simões. Também participou como mentora científica do Laboratório de Mentoría - LabMent (2024-2025), promovido pelo Programa Sinpete – Ciência e Inovação na Educação Básica, que resultou na produção e publicação deste livro.

E-mail: vanuza.silva@ichca.ufal.br





Vera Lucia Pontes dos Santos

É mestra e doutora em Educação (PPGE/Ufal), especialista em Gestão e Planejamento (Fatec-PE) e em Tecnologias em Educação (PUC-Rio). É Líder do Grupo de Pesquisa Formação de Professores da Educação Básica e Superior (CNPq). Editora da Revista OPTIE - Observatório de Pesquisa, Tecnologia e Inovação na Educação Básica (Sinpete/Ufal). Pedagoga da Prograd/Ufal, atuando na gestão do Programa de Formação Continuada em Docência do Ensino Superior (Proford/Ufal). Técnica pedagógica da Secretaria Municipal de Educação

- Semed Maceió, atuando no apoio à gestão da política de formação dos profissionais da educação da rede municipal de Maceió. Coordenadora do projeto Ciclo de Formação em Educação Científica e Sustentabilidade dos Biomas Brasileiros - Ufal/CNPq/MCTI (2024-2025). Coordenadora-geral do Programa Sinpete - Ciência e Inovação na Educação Básica (Prograd/Ufal). Também participou como mentora científica do Laboratório de Mentoria (LabMent), promovido pelo Programa Sinpete, que resultou na produção e publicação de texto científico decorrente do projeto “Horta vertical: práticas com uso de material de descarte”.





Maria Ester de Sá Barreto Barros

É graduada em Química Bacharelado, mestra e doutora em Química Orgânica pela UFPE. É professora do Instituto de Química e Biotecnologia da Universidade Federal de Alagoas (IQB-Ufal). Faz parte do Laboratório de Química Orgânica Aplicada a Materiais e Compostos Bioativos (LMC) e do Grupo de Pesquisa em Ensino e Extensão em Química (QuiCiência). Atualmente, é coordenadora do Programa de Mestrado Profissional em Química em Rede Nacional (Profqui-Ufal), desenvolvendo pesquisas na produção de materiais didáticos para o ensino de química orgânica no ensino básico e superior. Coordenou a Semana de Pesquisa, Tecnologia e Inovação na Educação Básica - Sinpete (2024) e o Laboratório de Mentoria (2024-2025). Também participou como mentora científica do Laboratório de Mentoria (LabMent), promovido pelo Programa Sinpete/Ufal, que resultou na produção e publicação de texto científico decorrente do projeto “Sargassole - produção de uma borracha sustentável”.





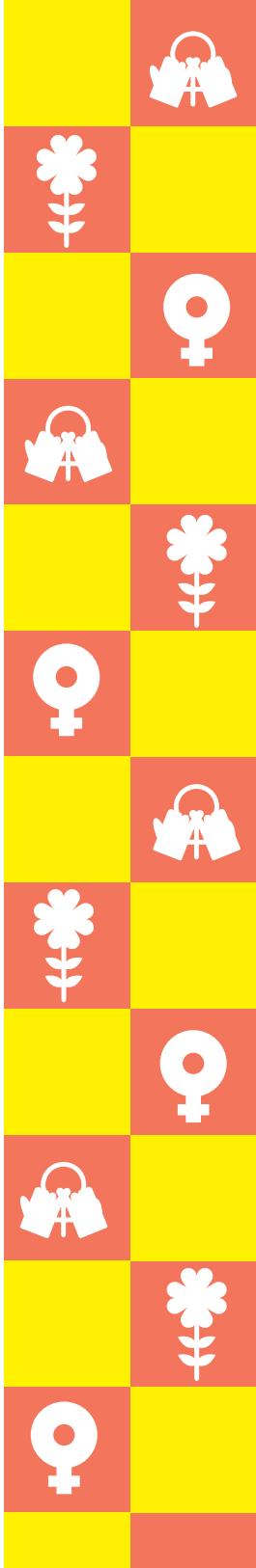
Jadriane de Almeida Xavier

É graduada em Química (Bacharelado e Licenciatura), mestra e doutora em Química Orgânica pela Ufal. É professora do Instituto de Química e Biotecnologia da Universidade Federal de Alagoas (IQB-Ufal) e do Programa de Pós-Graduação em Química e Biotecnologia (PPGQB-Ufal). É integrante do Laboratório de Eletroquímica e Estresse Oxidativo (LEEO), no qual desenvolve pesquisas em temas relacionados ao estresse oxidativo, estresse carbonílico, glicação, diabetes e química dos produtos naturais.

Coordena o evento Sinpete desde 2024. Co-

ordenou a Semana de Pesquisa, Tecnologia e Inovação na Educação Básica - Sinpete (2024) e atualmente coordena a edição vige-
nte. Também participou como mentora científica do Laboratório de
Mentoria (LabMent), promovido pelo Programa Sinpete/Ufal, que
resultou na produção e publicação de texto científico decorrente do
projeto “Barbatimed: produção de membrana biodegradável a partir
do amido da casca da mandioca utilizando extrato do barbatimão
como alternativa ecológica para curativos”.





A Edufal não se responsabiliza por possíveis erros relacionados às
revisões ortográficas e de normalização (ABNT).
Elas são de inteira responsabilidade dos/as autores/as.



REALIZAÇÃO



APOIO FINANCEIRO



PROEXT-PG
Programa de Extensão
Universitária de
Pós-Graduação



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO Povo BRASILEIRO



MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO



GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO Povo BRASILEIRO

ISBN: 978-65-5624-493-8



9 786556 244938